a Cena Muda

BIBLIOTECA NACIONAL Rio de Janeiro

CINEMA e RÁDIO

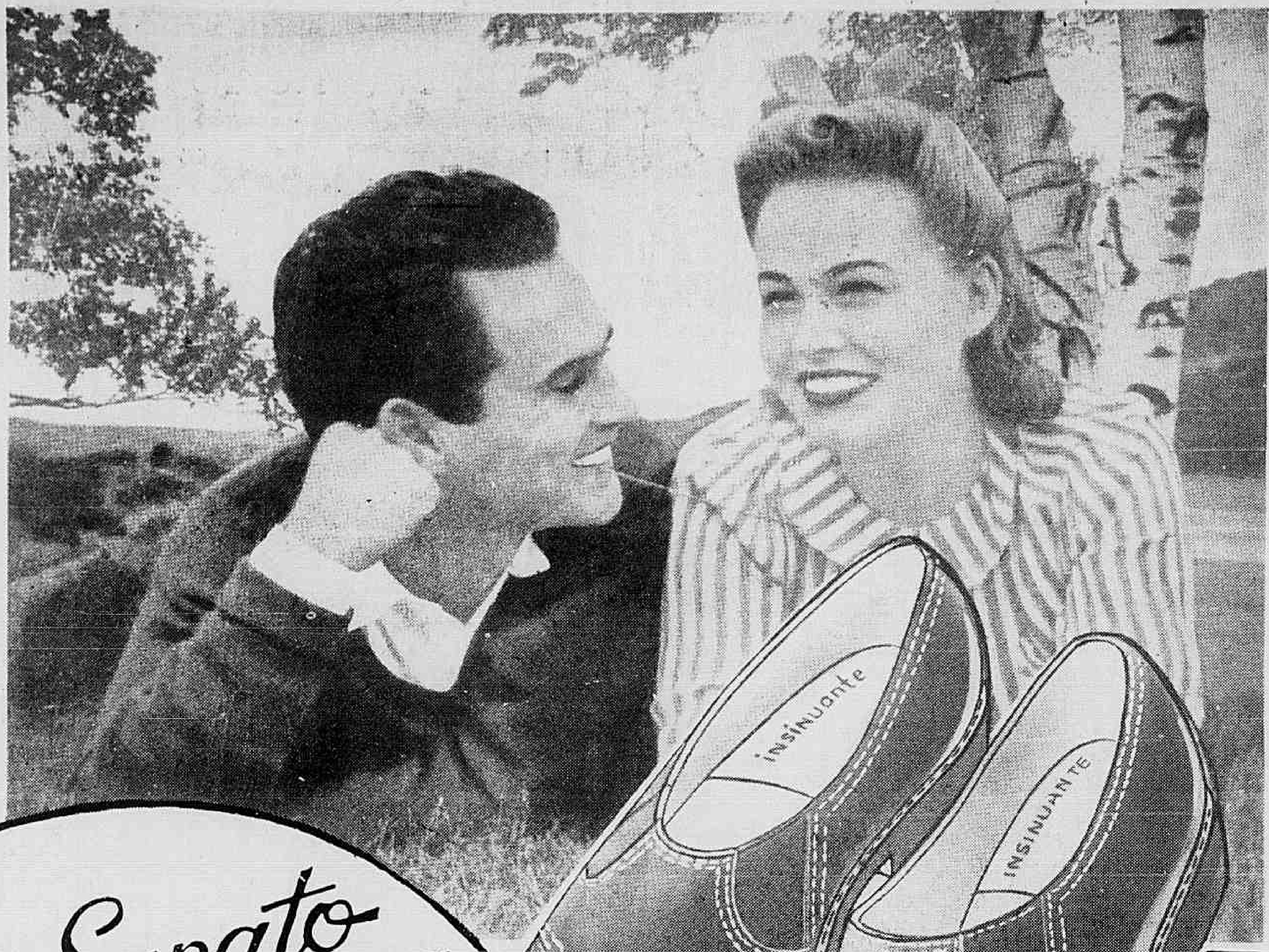
O cavalheiro da aventura

Rosita Gonzalez, "Rainha do Disco"

O PRESIDENTE FESTEJOU O ANO NOVO COM OS RADIALISTAS

N.º 3 ★ 14-1-53 ★ CR$ 4,00 EM TODO O BRASIL







Um Sapato que dispensa ADJETIVOS

CR$ 179,00

131

insinuante

é a maior e melhor sapataria da America Latina e é tambem uma galeria a sua disposição com agua geladinha sempre ás suas ordens.

- Saltos de borracha
- Ótima vaqueta
- Côres: Preto-Beje-Vinho-Marron
- Numeração: de 34 á 44
- Remetemos para todo o Brasil porte Cr.$ 5,00
- Não faremos reembolso

CARIOCA 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

AT. SEMOG

LEVY KLEIMAN

apresenta em



CINEMA

Reportagens Especiais

O «CANGACEIRO» VEM Aí......	4-5
Uma Lenda (Limite) e Um Nome (Mário Peixoto)	7
O Triunfo de Fredric March......	11
Uma Combinação Perfeita	18-19

Cine-Romances

Homens Verdadeiros	12
Beco do Crime	14
Cavalheiro da Aventura	16-17

Seções Permanentes

Comentário: por Livio Dantas....	3
Estréias no Mundo do Cinema....	6
Telas da Cidade (de Alberto Dines)	8-9
Notícias e Comentários do Cinema Nacional	10
Cine - Mundial	13
Hollywood Boulevard, por Dulce Dasmasceno Brito	15
CENA Responde a Cine-Crítica do Leitor	20

RÁDIO

Reportagens Especiais

Rosita Gonzalez «Rainha do Disco» de 1952	21-22-23
Adelino Moreira estreou com o pé direito	25-26
O Presidente passou o ano novo com os radialistas	27-28
Araci de Almeida vai sair da Nacional	29

Seções Permanentes

Disse-me-disse, daqui, dali, dacolá, vale a pena saber, e pontos de vista	24
Sintonizando e Rádio-Social....	33
Rádio-Novela: ͦ0.º capítulo de Rosas de Maria Angélica......	31-32
Música Popular: «Para Você Cantar»	30

COMENTÁRIO

A GLORIFICAÇÃO DO "ABACAXI"

Somos sem dúvida um povo saudosista. Saudosista e sentimental. Esquecemo-nos com facilidade de degraças passadas, não alimentamos o travo da vendeta e nossas mãos estão sempre prontas para bendizer um defunto recém-inumado. Isso prova que temos bom coração e um coração substitui, muitas vêzes com vantagens, um bom cérebro. Com o presente, porém, é que somos draconianos e intolerantes. Vergastamos sem piedade o êrro de nossos contemporâneos, subestimamos-lhes as realizações como se a sua coexistência conosco fôsse uma culpa pela qual tivessem que pagar um alto preço. Mas também a rigidez dêsse sentimento se amolece quando a pátina do tempo fixa as coisas de hoje no dia de ontem. Uma simples pá de terra nos torna enternecidos diante do que repelíamos e, de um momento para outro, eis-nos passando da indiferença ao entusiasmo, quando não do ódio trancado ao amor mais escancarado. Somos assim com tudo que nos cerca, dos sêres animados aos inanimados, das substâncias sólidas e líquidas às puramente gasosas, sem se esquecer daquela coisa em estado alotrópico que chamamos cinema nacional.

Só a saudade — palavra que no conceito e na forma representa um legítimo patrimônio nacional — poderia justificar a reapresentação em programas de linha de filmes como "Alô, Alô Carnaval" e "Berlim na Batucada" que, em seu tempo, sofreram verdadeiras depredações por parte da crítica e do público e que hoje um sentimento de amor ao passado lava, limpa, lustra e redime de tôdas as suas abominações. Só um sentimento de tal porte justifica o dizer-se bem dessas películas primitivas que não podem ser levadas a sério sob nenhum titulo e que nem mesmo servem para homenagear cinematogràficamente a memória de um pranteado cantor popular, pois as próprias intenções dessa homenagem não podem fazer que tais filmes pareçam menos ruins. E' certo que exatamente a consciência do passado é que distingue o homem civilizado do homem selvagem. Mas que em assuntos de cinema êsses sentimentos tenham que festejar precisamente o que não vale nada, é que não conseguimos entender.

Uma prova de que estamos assistindo à reabilitação do "abacaxi" está em que êle não sòmente vai logrando uma segunda vida, como até influi na realização de filmes atuais, pois que já tem escola feita. Temos visto filmes nacionais inteiramente rodados com vistas em "Alô, Alô Carnaval" e "Berlim na Batucada", autênticos "abacaxis", fiéis às tradições do "abacaxi", glorificados como "abacaxi" e como "abacaxi" guardados para a apreciação da posteridade, como acaba de acontecer com os filmes citados que nos despertaram muitas saudades, mas infelizmente ainda não é com saudades nem olhando para trás que construiremos alguma coisa neste Brasil, cinema especialmente...

LÍVIO DANTAS

NOSSA CAPA:

Kathryn Grayson e Howard Keel, é o par romântico do filme "O amor nasceu em Paris" da Metro. Nas páginas 18 e 19 poderão apreciar uma interessante reportagem em tôrno de outros participantes da mesma película: o casal de bailarinos Marge e Champion. (Foto Metro).

EXPEDIENTE

Fundada em 1921
Propriedade da
COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Diretor: **Gratuliano Brito** — Assistente: **Renato de Alencar**
Publicidade: **Severino Lopes Guimarães**
Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil

TELEFONES:

Redação	22-4447
Administração e Publicidade	22-9570
Gerência	22-8647
Contabilidade	22-2550
Portaria	22-5602

Endereço Telegráfico: «REVISTA»
Distribuição e Publicidade em São Paulo: AGÊNCIA ZAMBARDINO, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1596

PREÇO e ASSINATURA

Número avulso em todo o território nacional	Cr$	4,00
Número atrasado	Cr$	4,50
Assinatura anual (52 números).	Cr$	200,00
Assinatura semestral (26 num.)	Cr$	100,00
Assinatura anual sob registro..	Cr$	230,00
Assinatura semestral sob registro	Cr$	120,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	Cr$	350,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	Cr$	180,00





Neusa Veras numa cena de amor do filme de Lima Barreto

O "CANGACEIRO" VEM AÍ

Alberto Ruschel atinge ao ponto máximo de sua carreira em «O Cangaceiro»

«O CANGACEIRO» VEM AI

A Vera Cruz anuncia para breve o lançamento do filme de Lima Barreto «O Cangaceiro», uma película destinada a obter a mais ampla repercussão no mundo cultural e junto às grandes platéias. «O Cangaceiro» reúne uma equipe técnica de primeira ordem e seu elenco é encabeçado por Alberto Ruschel, uma das maiores revelações de galã do cinema nacional, e Marisa Prado, premiada pelo seu trabalho em «Terra é sempre Terra» como melhor atriz de 1951. Secundam êsses dois protagonistas do filme que Lima Barreto criou nos campos de Vargem Grande do Sul, Milton Ribeiro, outra revelação excepcional de grande ator; Vanja Orico, uma brasileira que já filmou na Itália, com Latuada, mas que tem a sua oportunidade máxima em «O Cangaceiro»; Ricardo Campos, um ator que se impôs desempenhando algumas das melhores pontas do nosso cinema e que agora interpreta um papel de intensa dramaticidade; Neusa Veras, Adoniram Barbosa, o cantor popular, e Zé do Norte, que canta algumas canções destinadas a ficar inesquecíveis: «Lua Bonita» e «Meu pinhão». Vanja Orico, cantora que já se impôs em diversos recitais no Brasil e no exterior, também vai se fazer ouvir em «O Cangaceiro», destacando-se sua interpretação da cantiga de Zé do Norte, «Sodade, meu bem, sodade».



Alberto Ruschel numa cena dramática, vivendo o papel de Teodoro





Dois flagrantes de «O Cangaceiro»: à esquerda, Teodoro combatendo os bandidos, e à direita, Milton Ribeiro como Capitão Galdino, interroga um dos figurantes

A HISTÓRIA DE «O GANGACEIRO»

«O Cangaceiro» é uma realização de Lima Barreto, o filme com que sempre sonhou. O laureado diretor de curtas metragens premiadas em Punta Del Este e Cannes (Painel e Santuário) fêz rodar seu filme nos campos de Vargem Grande do Sul, no interior de São Paulo. Em sua quase totalidade, a fita foi feita em exteriores, naquele município. O clima e a topografia em Vargem Grande do Sul oferecem condições e paisagem iguai às exigidas pela história, que, embora retratando a vida do cangaço, nem por isso se passa, pelo menos em sua totalidade, na caatinga nordestina. Por isso mesmo Lima Barreto locou seu grande filme em Vargem Grande. Filme de aventura, de ação e violência, «O Cangaceiro» é uma soma de ficção aplicada à realidade do nordeste, uma espécie de grande mural da vida sertaneja dos famosos bandos de salteadores que em tempos passados assolaram certas regiões do Brasil. Como já temos afirmado, não se trata da vida de Lampião e seu famoso bando, mas sim de uma história de cangaceiros que, naturalmente, tem pontos de aproximação e identidade com o grupo do célebre jagunço por decorrência do tema elegido para a história: Teodoro (Alberto Ruschel) condena os atos de vandalismo de Galdino, chefe dos cangaceiros (Milton Ribeiro) e resolve libertar Olívia (Marisa Prado), uma professôra raptada pelo sanguinário bandoleiro num dos seus assaltos a um vilarejo. A encarniçada perseguição de mais de meia centena de cangaceiros que sai no encalço de Teodoro e Olívia, varejando a caatinga, matos, rios e pantanais, a luta heróica travada pelo bravo Teodoro e o combate final do bando com as fôrças policiais, eis o que serviu como tema para Lima Barreto criar um dos mais sérios filmes já rodados por qualquer produtora sul-americana.

COMO FOI FILMADO O «O CANGACEIRO»

As condições em que «O Cangaceiro» foi filmado nos campos de Vargem Grande do Sul são inéditas na história das locações de filmes nacionais. Lima Barreto e sua equipe técnica e artística demorou-se vários meses naquela localidade do interior paulista, num grande acampamento. Ali foram tomadas as cenas mais impressionantes do filme, como o assalto armado a uma vila e de cuja filmagem participou uma população inteira, afora cêrca de 80 «cangaceiros» armados até os dentes. Foi necessário transportar para Vargem Grande algumas toneladas de material, cozinha de campanha, grandes barracas, bem como dezenas de cavalos, uma onça de grande porte e numerosos elementos necessários para filmar uma película como «O Cangaceiro».

A EQUIPE TÉCNICA

A história de «O Cangaceiro» foi escrita por Lima Barreto e os diálogos são assinados por Raquel de Queiroz. Lima Barreto dirigiu a seguinte equipe técnica, tendo como assistente Galileu Garcia: Chick Fowle, famoso operador inglês, que teve a responsabilidade da fotografia; Ronald Taylor, que funcionou como operador; Osvaldo Kemeni, Marcelo Primavera e Heitor Sabino assistentes. A decoração de ambientes, criação dos figurinos e desenhos de produção foram feitas por Carybé, um artista a quem o Brasil deve algumas das mais valiosas pesquisas e estilizações documentárias de assuntos populares e folclóricos. Pierino Massenzi foi o responsável pela cenografia e construção, assistido por José Noburu Honda.

Cid Leite da Silva, que foi o gerente de produção de «Terra é sempre Terra», teve a seu cargo a produção de «O Cangaceiro». Rigoberto Plothow e Walter Thomaz foram seus assistentes. Há ainda a destacar os nomes de Bernadete Ruch, como «script girl»; Geter F. Costa, fotógrafo de cena; Jacy Oliveira, como encarregada do guarda-roupa; Victor Merinov, maquilador; Horácio Camargo, do departamento de eletricidade, e Angelo Dreoss, encarregado da maquinaria. A orquestração de canções populares, bem como a música do filme, foi feita por Gabriel Migliori.

(Cont. na pág. 34)



Lima Barreto escreveu e dirigiu a história de «O Cangaceiro»



Marisa Prado e Alberto Ruschel o par amoroso de «O Cangaceiro»



A fotografia dá uma idéia aproximada da estranha atmosfera e do cunho sertanejo da nova produção da Vera-Cruz



Judy Holliday e Aldo Ray trabalham numa invenção para fazerem fortuna em «Da Mesma Carne»

Prognóstico: Comédia com elementos que a colocam acima da média que Hollywood nos envia. George Cukor (também responsável por «Nascida Ontem») é o diretor da película, cujo argumento vai assinado por Ruth Gordon e Garson Kanin.

«LA MAISON DU SILENCE» (A Casa do Silêncio) — Franco-London Film

«La Maison du Silence» é uma co-produção franco-italiana filmada em Roma. Mas, sob o ponto-de-vista artístico, ultrapassa os limites dos países que deram origem a sua realização, supervisionado que foi por G. W. Pabst, famoso diretor austríaco, e contando em seu elenco com o jovem ator espanhol Fernando Fernán Galan. A Itália contribuiu com seu melhor ator, Aldo Fabrizi, enquanto a França está representada por Jean Marais, Daniel Gèlin e Frank Villard.

Em uma casa de jesuítas em Roma alguns homens se reúnem em um retiro espiritual. O filme será a história de cada um dêles: um ex-«maquis» atormentado pela lembrança dos inocentes mortos por sua culpa; um «desaparecido» que não se atreve a desfazer a felicidade de sua mulher que voltou a casar-se julgando-o morto; um ladrão que tenta escapar de sua busca; um escritor conhecido pelos escândalos que denunciava, etc.

Terminados os exercícios espirituais, uns voltam à vida comum, outros encontram a fé...

Prognóstico: «La Maison du Silence» penetra nos dramas de consciência sôbre os quais a arte de Pabst saberá impor-se com mestria. Para dar a êsses conflitos espirituais seu verdadeiro clima, a Itália — «onde, dizia Chesterton, a essência do homem é tão forte que se sente no ar um cheiro de queimado» — serve de fundo, com sua atmosfera peculiar.

ESTRÉIAS NO MUNDO DO CINEMA

«AMEI UM BICHEIRO» — ATLANTIDA

José Lewgoy é um bicheiro onipotente que acredita na honestidade do jôgo do bicho. Só não admite a concorrência dos pequenos banqueiros nem o serviço de cambistas inescrupulosos que, com métodos escusos, desmoralizam o ofício... E' uma figura maquiavélica, como de resto são tôdas as eminências pardas da jogatina proibida. Cyl Farney, pobre diabo sonhando com um lugar ao sol, não pode desvencilhar-se das facilidades que o jôgo oferece, contrariando assim aos pedidos de sua meiga espôsa Eliana. Josette Bertal e Grande Otelo encarnam tipos simpáticos, sendo ambos sacrificados para que o jôgo ilícito possa continuar...

Prognóstico: Drama organizado dentro de uma contextura sóbria, inteligente e fiel ao ambiente em que é desenrolado. Não tem a pretensão de apontar soluções. E' um retrato frio e objetivo que a câmara nos oferece do «underground» do jôgo do bicho, ainda que se ressinta de maiores fixações que o assunto requeria.

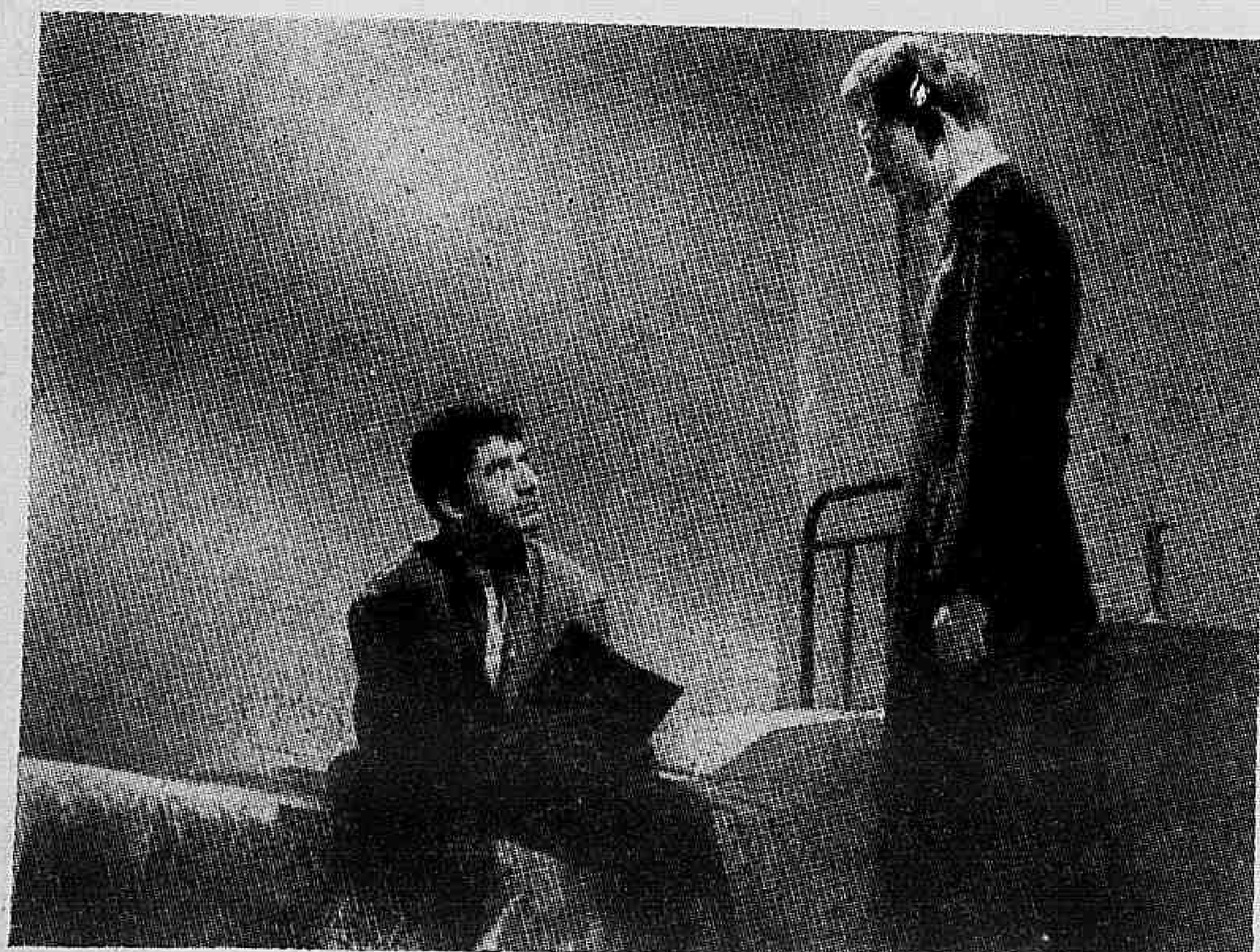
«DA MESMA CARNE» (The Marrying Kind) — Columbia

«Da Mesma Carne» — primeiro filme de Judy Holliday depois que venceu o prêmio da Academia com seu inesquecível trabalho em «Nascida Ontem» — é a história de um casamento desde o seu primeiro conflito fortuito, depois de sete anos de bonança, até culminar com a tão apregoada incompatibilidade de gênios. Todo o filme está baseado naquele aforismo que diz que, em questões conjugais, os problemas devem ser sempre encarados por três lados: o dêle, o dela e... o da verdade! «Da Mesma Carne» tem também um divertido contraste de vozes, a começar pela intonação estridente de Judy Holliday e terminando na elocução cavernosa de Aldo Ray. Êste faz o papel de um postalista de Nova York, enquanto Judy é a secretária que êle galanteia e termina por enfeitiçar. Madge Kennedy, famosa estrêla do cinema silencioso, volta à tela e Sheila Bond, John Alexander e Peggy Cass têm importantes desempenhos.

Judy Holliday e Aldo Ray no filme da Columbia «Da Mesma Carne»

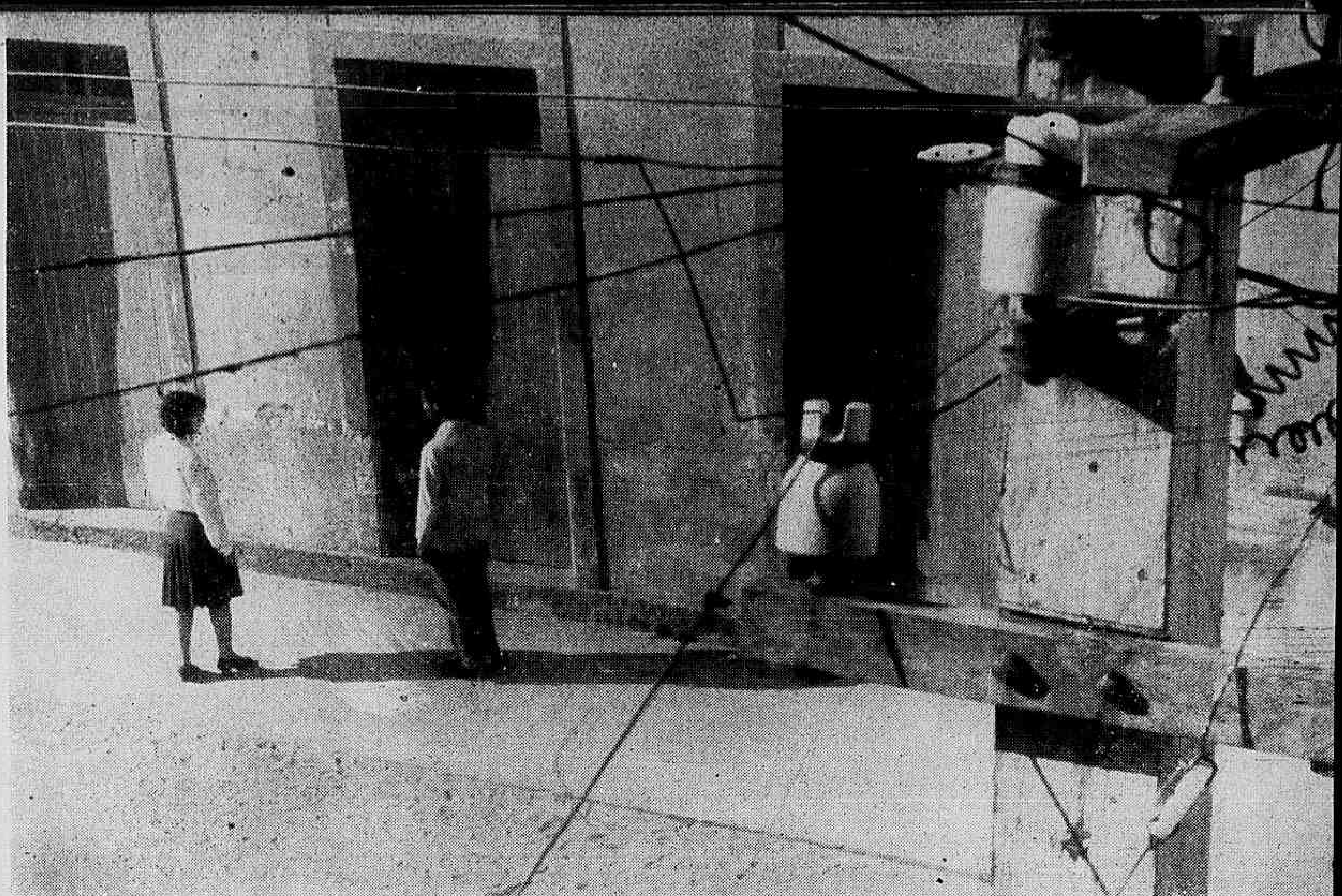


Daniel Gèlin encarna no filme um personagem com a vida transtornada pela guerra



UMA LENDA (LIMITE) E UM NOME (MÁRIO PEIXOTO)

Escreveu PAULO BRANDÃO



Cena de rua de «Limite», onde aparece a atriz Taciana Rei. Local, Mangaratiba, Estado do Rio



Mário Peixoto numa foto exclusiva. Êle atualmente está terminando o roteiro do seu próximo filme, cujo título será «A Alma Segundo Salustre»

«Limite» nasceu em Paris, quando Mário Peixoto estava de férias por volta de 1927. Ao chegar no Brasil, tratou logo de pensar nas filmagens, e a primeira providência tomada foi a de convidar Ademar Gonzaga para dirigir e Edgard Brasil para fotografar; o primeiro recusou-se, alegando que somente o autor da história é que de direito deveria encená-lo.

E o menino Mário, contando apenas 17 primaveras, tornava-se o primeiro cineasta jovem da cinematografia internacional. O filme foi realizado num esfôrço que não pôde passar despercebido por ninguém daquela época. E ao dia da sua primeira exibição causaria protestos de muitos e aplausos de outro tanto. Dentre os que aplaudiram, encontrava-se o velho Luís Severiano Ribeiro (o pai), que facilitou a estréia comercial do filme aqui no Rio. Realmente, o velho tinha visão de negócios já naquela época, por volta de 1930.

«Limite não começa nem acaba».

Num meio habituado a discutir cinema, um filme «pessoal» como «Limite», absolutamente despido de «preconceitos cinematográficos» em que o realizador ousa afirmar em cada cena tudo que lhe vem à cabeça (diria melhor: tudo o que lhe chega à «sensibilidade») sem se importar de com isso ir contra tôdas as regras convencionalmente estabelecidas, um filme que ousa dar a cada cena a duração que o realizador calculou matemàticamente quando lançou o plano de «montagem» do filme, uma produção que visa fazer arte e nada mais, que não concede coisa alguma as exigências do público nem aos que «sintam» o filme num outro ritmo diferente dêsse em que foi construído, um filme assim fatalmente não agradaria do mesmo modo a todos.

A fim de que os nossos leitores possam avaliar o valor desta obra passamos a seguir a publicar algumas opiniões colhidas por ocasião das exibições do filme entre 1930-32 no Brasil, França e Grã-Bretanha.

Do falecido humorista inglês George Bernard Shaw:

«O filme é sempre a sua personalidade invulgar que imprime à imagem o continuado ritmo de angústia... Eu mesmo o chamaria de grande, de intenso e perdurador, por estranho que isto pareça, vindo através um temperamento americano... referido à arte, essa eterna arte — despida do preconceito que a imobiliza...»

Do grande cineasta soviético Sergei M. Eisenstein:

«... A mensagem de cinema da América do Sul, daqui há vinte anos, eu estou certo, será tão nova, tão cheia de poesia e cinema estrutural, como o que assisti hoje. Jamais segui a um fio tão próximo ao genial como dessa narrativa de câmara sul-americana...»

Do professor de cinema na U.R.S.S. Poudovikine:

«... E' senhor do ritmo e da câmara tanto quanto a pintura dos seus «shots» sul-americanos. Eu chamaria de extensão de uma mentalidade nova, porém já mestra...»

Do poeta Otávio de Faria:

«... Limite não é um filme nacional que deve ser visto. E' um grande filme que merece ser estudado nas diversas questões de cinema que levanta...»

De Mário de Andrade...

«... êsse filme todo inteiriço é um jacto de pura arte...»

E, finalmente, o pensamento do colunista:

«... Limite é o primeiro clássico do Cinema Brasileiro que obrigatòriamente deveria ser visto por todos os cineclubistas do país. E' de lamentar, dizer que a nossa cultura cinematográfica ainda não esteja amadurecida, para cuidar da formação de um «Museu de Cinema» que tenha êste filme como o primeiro do fichário...»



Cena do Cemitério de Mangaratiba, (de pé) Raul Schnoor e Mário Peixoto (de costas). Esta é a única cena do filme em que entra um diálogo, o resto é mudo



TELAS DA

HÁ UM GATO EM MINHA VIDA



Esgotada a fonte de fornecimento de novos personagens, esgotada a imaginação e a própria originalidade, depois de explorar cães, cavalos, mulos, fortalezas voadoras, janes russels e marilyn monroes (cujas "características" foram elevadas a categoria de personagens), os argumentistas da *floresta sagrada* inventaram agora um gato a quem tornaram personagem e, coitado, recebendo o mesmo tratamento incongruente e cretino que êstes argumentistas aplicam aos seus personagens humanos.

Cocktail de situações (que ficam em suas intenções) o filme resume-se a uma série de tentativas para explorar tudo o que já se fêz no gênero. Cenaristas e diretor, Artur Lubin (especialista em animais, V. Francis), entretanto, não conseguiram fixar nenhuma das orientações ensaiadas.

Conseqüentemente, o espectador também não se fixa em ponto algum da trama que não tem armação, que não tem crescendo, que não tem climax. Sobrenadam sòmente algumas situações avulsas que, é claro, conseguem tirar algumas gargalhadas (é tão fácil fazer rir nos dias de hoje. Ninguém quer chorar!). Bem sucedidas são algumas sátiras à televisão e aos seus indefectiveis "jingles" de publicidade.

Sem o amparo de uma cenarização mais inteligente e de uma direção menos dispersiva e saltitante, os bons atores Ray Milland e Jan Sterling perdem-se completamente, vivendo papéis inconvenientes.

Rhubard, o infeliz gato, canastrão integral...

O MUNDO NÃO PERDOA

O lançamento sub-reptício dêste filme da Metro no «poeira» Rex prometia e fazia acreditar que se tratasse de coisa muito boa.

Mas não. Abstraindo as intenções da mensagem, o filme perde-se lamentàvelmente, em muitos tropeços, gaguejos, quedas e silêncios. Muitas coisas não são ditas, ficam mal ditas e conseqüentemente, erradamente conceituadas.

Como o fizeram Dmytrick em «Rancor» e Kazan em «O que a carne herda» (Pinky), aqui, Clarence Brown teve que se valer de tintas policiais para abordar um problema racial muito típico dos Estados Unidos. E' por êste motivo que, tanto naquelas como nesta obra, a situação do problema racial dilui-se com o final-feliz, com a indefectível vitória da Justiça sôbre o Crime e com sua «moral» conseqüente.

Não só isto enfraquece a obra de Brown, mas uma debilidade total na armação dos conflitos e do choque não lhe possibilitam ser vigoroso em seus resultados — no conceituar. Simplórias e pueris as soluções para todos os pequenos problemas (a velha que toma conta da prisão evitando que o negro seja linchado, o roubar o cadáver, os conflitos «íntimos» — muito bêstas por sinal — do advogado). Simplória e pueril é a própria narração que sob o pretexto de concisão e economia comete falhas imperdoáveis dramàticamente, perdoáveis quando se quer economizar película e tempo (salvo no caso de que a nossa encantadora Censura tenha querido ficar com alguns pedaços do filme para lembrança...). Simplória e pueril é a alegação de alguns críticos cariocas de que o filme apresenta o problema racial visto por uma criança. Estupidez, porque uma criança, mesmo que seja americana, se impressionaria muito mais com a canina ânsia pelo «linch» como o foram os diluídas e aguadas côres usadas por Brown.

Como teria que acontecer com gente diletante que faz uma coisa sem a sentir profundamente, Brown teve que apelar para alguns discursos morais e éticos no final de sua caricatura para compensar a ausência absoluta de vigor, de talento, e, acima de tudo, de sentimentos nítidos todos êles no decorrer de sua obra.

E' pena. Perde-se assim uma bela oportunidade para se atacar vigorosamente um problema social, e antes e acima de tudo, um problema humano — a sordidez e a maldade que domina o nosso maravilhoso gênero.

Cinematogràficamente (aliás são desnecessárias quaisquer qualidades formais nesta obra, a deficiência de conteúdo tornam-nas inócuas), podemos ressaltar uma boa fotografia, muito funcional ao lugar onde a história se desenrola e a uma condicional atmosfera que o filme deveria ter.



CIDADE

ALBERTO DINES

IMPÉRIO DOS MALVADOS



Belas imagens noturnas de Manhatan, contraponteadas com um triste saxofone em choroso jazz, é o início dêste filme dirigido por Joseph Kano e escrito por Bob Consindine. Mas de nada valeu o acomodar-se melhor na incômoda poltrona e o catucar o nosso companheiro com uma cotovelada que signifique: — a «coisa» promete...

Prometia, não cumpriu. Armando-se muito bem no início com um primeiro e um segundo «flash-back», o filme começa a soluçar engasgado com a intercalação de mais alguns que põem o espectador de sobreaviso com êste mecânico e inverídico manuseio com o Tempo.

Não só isto, se o filme prometia no início captar alguns interessantes do crime industrial (em larga escala, primor de perfeição, a baixo preço, quase de graça!) americano, conseqüência de tôda uma estruturação social que também no Brasil se repete (e se repetirá sempre em todos os lugares, em todos os países, em todos os regimes dirigidos por homens neste estado de espírito), se o filme, no início, insinuava estas suas pretensões, antes mesmo da primeira metade desmaiaram as nossas esperanças para depois, do meio para o fim, elas morrerem definitiva e irremediàvelmente.

Como muito bem lembrou o crítico Jorge Ileli, os filmes policiais estão se convertendo em apologias à traição e à delação com a permanente vitória da Justiça, sempre ajudada por um bandoleiro que trai os seus companheiros. Isto chegou a tal ponto que Anatole Litvak chegou a realizar um estudo sôbre os diferentes tipos de traição, («Decisão antes do amanhecer») distinguindo a **útil** da **inútil**, e glorificando aquela que convém ao **Bem.**

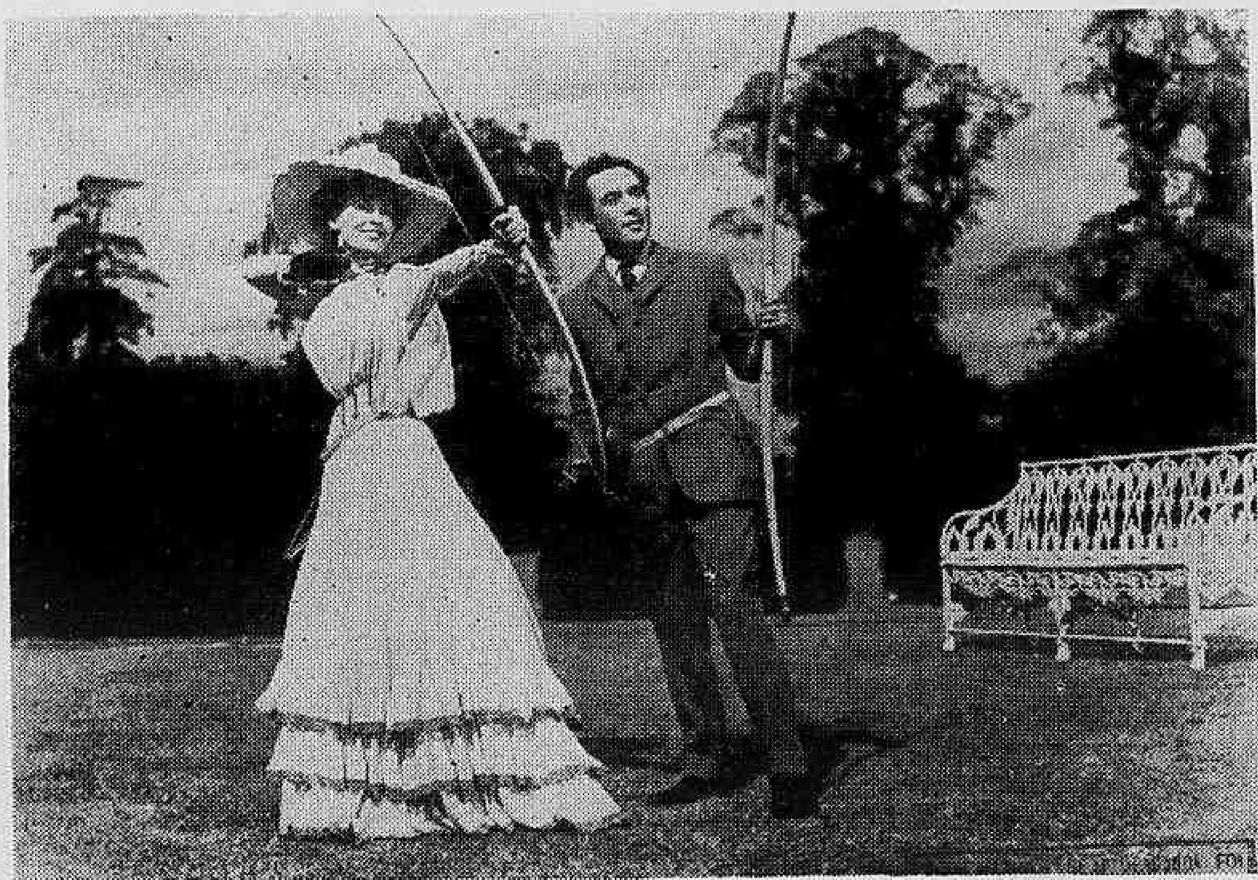
E' o que acontece neste filme. A Justiça só consegue vencer o bando de criminosos que estava prestes a incriminar um inocente, graças a delação de uma mulher, que se perdia de amôres pelo inocente.

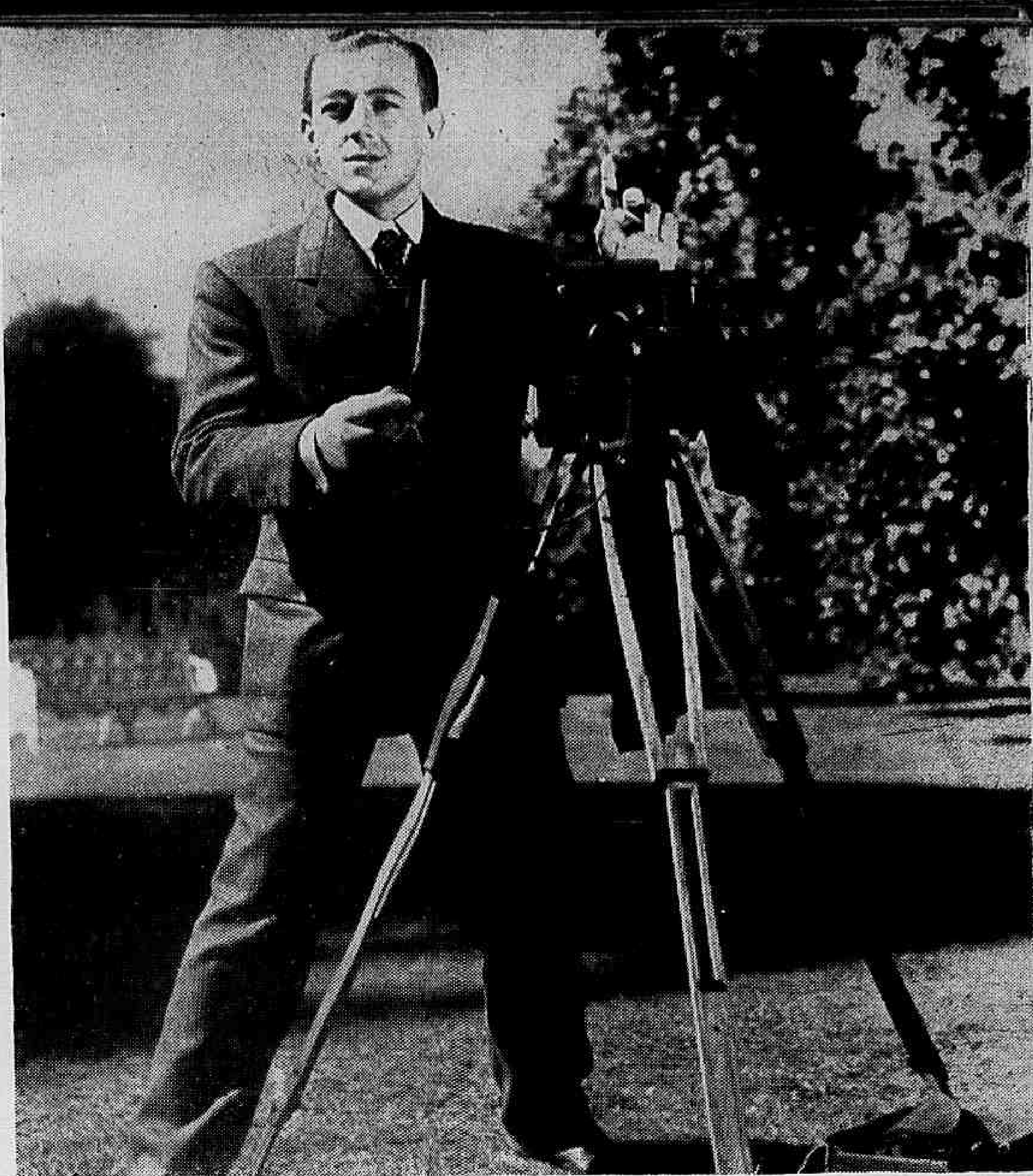
Inverossímil, o alheiamento total e absoluto dêste inocente (antes, também, um «trustman» do jôgo), às maquinações para incriminá-lo.

O filme vale para mostrar a que ponto chegou a corrupção e a que ponto chegou o crime a irmanar-se com a política e fincar pé no campo da legalidade.

Vale também pelo excelente Luther Adler, aqui deslocado, que com seus magníficos desempenhos em «Rapôsa do Deserto» e «O Misterioso Fim de Hitler», fazendo Hitler, e em «Mal-

(Cont. na pág. 34)





AS OITO VÍTIMAS

Ao assistirmos êste «Kind Hearts and Coronets», ou um dos filmes de Asquith, sobrepõem-se à nossa mente, deliciosamente encantada, a visão de um alto, esguio, sòbriamente bem vestido, gentleman inglês: alegre, mas sutil, fino, mas firme. Não lhe sobrara nada, nada lhe falta. Em suma, inglês (e, sobretudo, o bom filme inglês), pressupõe o Certo, o Exato, o Perfeito.

As linhas mestras da novela de Roy Horniman, cenarizada e dirigida por Robert Hammer, poderiam ser, tôdas elas, os ingredientes de um drama ou uma tragédia que retratasse o máximo a que chegou a aristocracia britânica e a sua conseqüente (e dialética) decadência. Estão nítidas as rigorosas convenções e preconceitos — loucura de afogado que se agarra numa palha para sobreviver — estão claras a corrupção, a ausência de escrúpulos no distinguir entre o mal dos meios e o bem dos fins, estão visíveis aquela «esportividade», aquêle desprendimento no chafurdar na lama e o manter as aparências a todo custo. Enfim, a história põe a nu, não só o suprassumo a que chegou a «tradição britânica», mas situa precisamente a sua antítese, incubando-se nela para a destruir.

Mas Hammer optou pela sátira, pela mordacidade, pelo riso. Só num tom de farsa êle poderia apresentar aquêle inglês educado, fino e aristocrático matando esportivamente seus parentes. Se o fizesse sèriamente ninguém o aceitaria. Foi o caminho que também Charlie Chaplin optou ao criar Monsieur Verdoux.

Com uma genial sutileza, consegue Hammer, através da irrealidade da farsa, ir à verdade da realidade. Tal como Chaplin, Hammer insinua com cada engraçada morte uma crítica a um determinado tipo, convenção e sistema.

E não fica nada sem ser dito e sarcàsticamente criticado não só em relação à nobreza, mas também em relação à burguesia, na pessoa da tão nossa conhecida Sibella, a pequena-burguesa «progressista» e sem preconceitos morais...

Com uma exatidão tipicamente britânica, Hammer arma sua história e, com uma delicadeza não menos britânica, êle conduz o espectador através de seus imprevistos, sem **atrai-lo magnèticamente**, dando-lhe até fôlego para que, por momentos, êle possa sentar-se novamente na poltrona e pensar: — que bom filme!

A obra é microscòpicamente bem armada, completando-se a precisão da sua elaboração com a composição dos tipos e com o trabalho de «mise-en-scène».

Primor de clímax é êste construído por Hammer onde o engraçado imprevisto combina-se com gostosa sátira à Justiça (como em Verdoux) prestes a punir um indivíduo, que matou oito pessoas, por um crime que êle não cometeu. Inteligente é o final pròpriamente dito: a tela negra e a banda sonora reproduzindo os ruídos do enforcamento que, afinal, veio para o criminoso...

Primor de ausência de **cinema**, o filme tem um maravilhoso elenco, integrado por Dennis Price fazendo o aristocrático e esportivo criminoso, Joan Greenwood interpretando visceralmente bem a pequeno-burguesa safadinha e, finalmente, Alec Guiness num desempenho espetacular (dêm-me adjetivos, senhores, para louvar as poucas coisas boas dêste pequeno mundo!...) fazendo os oito parentes assassinados.



A bailarina Cuquita Carballo faz parar o tráfego, num baile de «Carnaval Atlântida», que até Lewgoy fica de queixo caído

ATRÁS DAS CÂMERAS

Por MR. TAKE

Mesquitinha, o laureado com o "Oscar", pretende fazer um filme, cuja história, direção e interpretação será dêle mesmo, com a participação de Jayme Costa e Procópio Ferreira. Será que teremos ainda êste ano esta bomba?

★

O aumento no preço dos cinemas em São Paulo, não foi lá muito bem recebido pelo povo, que reagiu, quase degenerando em quebra-quebra. E aqui no Rio, cogita-se, também, do aumento nos ingressos, e o que acontecerá?

★

Os últimos dias da famigerada A. B.C.C. é o título do filme que assistem atualmente os dirigentes daquela entidade.

★

Milton Rodrigues (o mais robusto dos nossos diretores de cinema), começou o ano chorando, pois a sua obra prima, chamada "Somos Dois", com Dick Farney e M. Cunha pegou fogo, não restando sequer uma cópia que possa de futuro constituir "peça de museu", para o nosso cinema.

★

Lulu de Barros vai deixar o cinema, pois pretende ingressar no novo campo da televisão. Este furo foi obtido através dos muros do Beco do Inferno, ali na Cinelândia.

★

Papai Ribeiro, ordenou uma radical mudança na fachada do Cine Império. Será que o veterano cinema da Cinelândia vai passar a categoria de "lançador"?

★

A "Boite do Gozador", conta agora com mais dois novos serviços, um de Jornais e Revistas e outro de "Coca-Colas", bem como um simpático Aviso: "E' permitida a entrada de tôdas as pessoas que militam na imprensa cinematográfica do país, exceto aos Paus de Arara". Muito bem, camarada Tinoco, esperamos mais ainda.

NOTÍCIAS e COMENTÁRIOS DO CINEMA NACIONAL

Por JUSTUS

RETICÊNCIAS — Infelizmente, a fita de Paulo Wanderley «Balança Mas Não Cai» teve suspensas suas filmagens e, desta forma, anunciaram seus produtores que o filme será lançado sòmente depois do carnaval. Razões: a proverbial falta de verba (que absurdo começar um filme sem o orçamento coberto financeiramente!) e uma repentina doença da atriz Marlene, que faz o principal papel feminino. Lamentável.

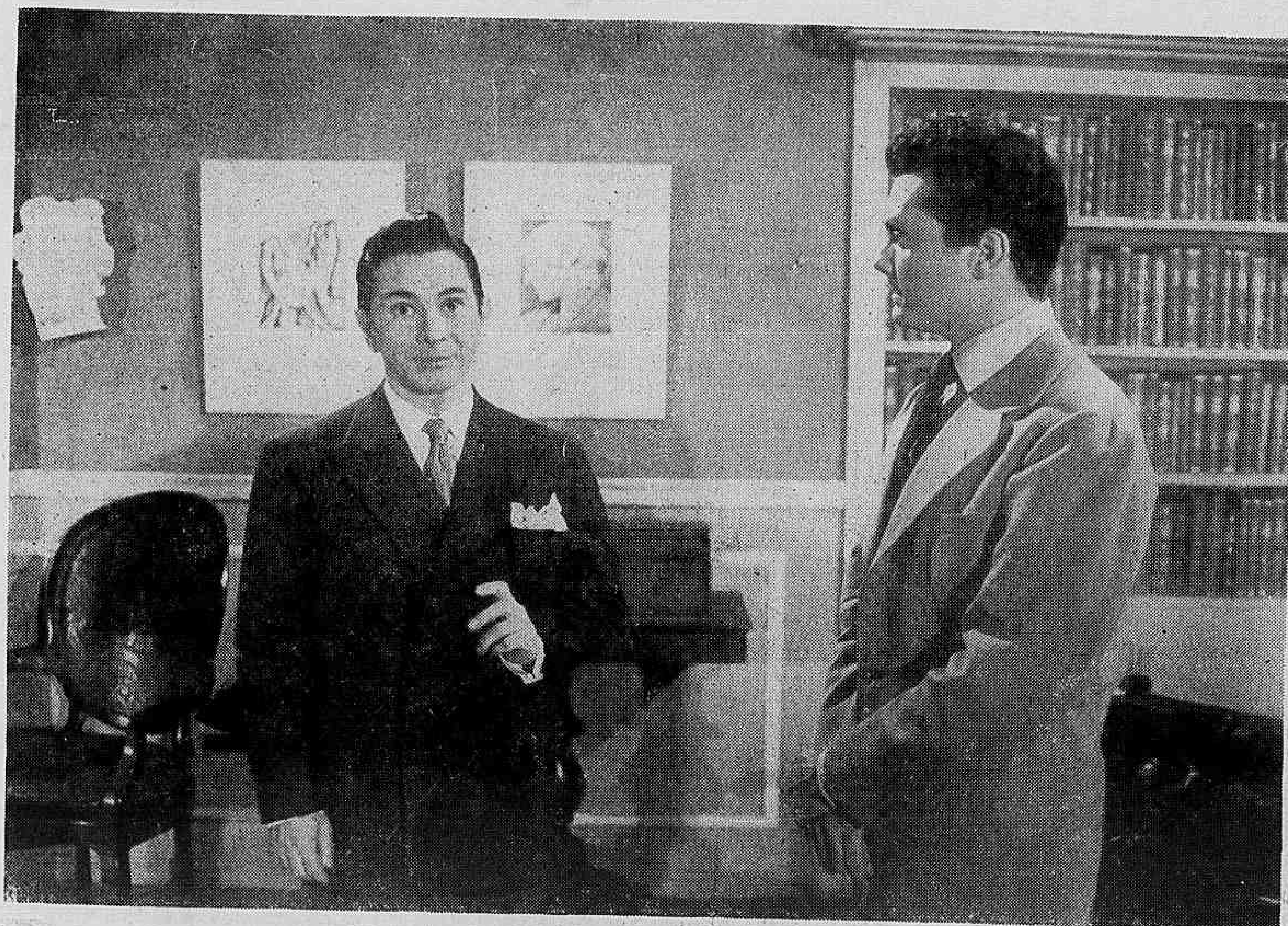
COMEMORAÇÃO — Anunciam de Belo Horizonte a realização de uma Semana do Cinema Brasileiro de 20 a 27 de janeiro. Diversos críticos, teóricos e realizadores cariocas organizam-se numa caravana que irá prestigiar o cinema brasileiro em Minas Gerais. Mais detalhes no próximo noticiário.

A PERGUNTA DO MOMENTO — Que fará a Atlântida depois de terminado «Carnaval Atlântida»? Quando deixará as instalações da Flama? Os alvos em perspectivas: Maristela? Estúdios Carmen Santos (ex-Vita Filmes).

SÓ ISTO? — De fato, gostamos de «Amei um Bicheiro», que Jorge Ileli dirigiu para a Atlântida com Paulo Wanderley. Mas será que o Ileli ficará nisto, mostrando sòmente o quanto êle **poderia** fazer em vez de mostrar o que êle **pode** fazer?...

SEM NOVIDADES — Nada de novo, infelizmente, no «front» de Recife, onde Cavalcânti roda seu «Conto do Mar». E' pena, porque o nosso gôsto é publicar boas notícias a respeito do Mestre.

FLASHES — Luís de Barros terminou na semana passada os interiores e exteriores de seu filme carnavalesco que será estreado em cêrca de 26 cinemas. Falta agora a montagem, a sonorização e a copiagem. Enquanto isto, Watson Macedo voltou aos mesmos estúdios Carmen Santos para terminar os interiores de seu filme «Fogo na Roupa».



Oscarito é um professor no próximo filme carnavalesco da Atlântida. Ei-lo em mais uma trapalhada contracenando com Cyl Farney



O TRIUNFO DE FREDRIC MARCH

Um dos acontecimentos cinematográficos realmente sensacional de 1952 foi, sem dúvida alguma, o prêmio de melhor ator do ano obtido por Fredric March, no Festival Internacional de Veneza, com sua magistral interpretação no filme produzido por Stanley Kramer para a Columbia Pictures, baseado na famosa peça teatral do mesmo nome, ganhadora do prêmio Pulitzer e levada à cena na maioria dos grandes teatros do mundo inteiro, incluindo o Brasil, proporcionando ao nosso popular Jayme Costa também o prêmio de melhor ator do ano de 1951.

A popularidade, o sucesso mundial enorme da peça, baseia-se, inevitàvelmente, no seu tema de alcance universal: — **o sonho do sucesso que açoita o homem moderno e o conflito com a realidade.**

O personagem central da fita é Willy Loman, um caixeiro viajante prestes a atingir a idade provecta que procura ocultar o seu fracasso interior e exterior sob as aparências formais das frases feitas, ostentando um otimismo que não condiz com a realidade da sua e da vida da família, desencadeando-se a tragédia após seu filho, por um dêsses casos comuns na vida quotidiana, verificar que o pai tinha uma amante.

March, no papel de Willy Loman, atinge o pináculo da sua grande carreira artística, secundado de perto por Mildred Dunock no papel de espôsa do Caixeiro, repetindo no filme a sua espêndida atuação realizada nos palcos da Broadway. Kevin McCarthy, que tomou parte no elenco que apresentou a peça em Londres, repete a sua extraordinária interpretação de filho desiludido e amargurado que, segundo a crítica italiana, é um dos momentos inesquecíveis do drama, tendo arrancado aplausos entusiásticos da exigente platéia do Festival de Veneza.

Cameron Mitchel e Howard Smith, acompanham sensivelmente as grandes «performances» dos companheiros, formando um «cast» de primeira grandeza, cabendo a Laslo Benedek, diretor de «A morte do Caixeiro Viajante», o grande mérito de ter aproveitado integralmente a potência dialética do extraordinário drama de Arthur Miller, autor da peça, não se preocupando, absolutamente em fazer uma obra de arte puramente cinematográfica, mas, colocando-se acima dessa preocupação, prestou um relevante serviço ao teatro, levando para as telas do mundo inteiro, ao alcance de milhões de espectadores, uma das melhores coisas do teatro contemporâneo.







Capitão Hunt e Cherry (Lew Ayres e Marilyn Maxwell) em «Homens Verdadeiros»



O cacique Acoma declara nulo o tratado de paz com o Govêrno Federal

CINE-ROMANCE

HOMENS VERDADEIROS

(NEW MÉXICO)

UNITED ARTISTS

Produção de Irving Allen
Direção de Irving Reis

ELENCO :

Capitão Hunt	**Lew Ayres**
Cherry	**Marilyn Maxwell**
Tenente Vermont ..	**Robert Hutton**
Sargento Garrity ..	**Andy Devine**
Soldado Anderson ..	**Raymond Burr**
Coyote	**Jeff Corey**
Acoma	**Ted de Corsia**
Mrs. Fenway	**Verna Felton**
Comissário Wilcox.	**Lloy Corrigan**

O Presidente Abraham Lincoln havia assinado um tratado de paz com uma tribo de índios do Oeste, chefiados pelo bravo Acoma e, em sinal de amizade, presenteara o cacique com um bastão de prata.

O Bureau Federal de Proteção aos índios estava a cargo do Comissário Wilcox, homem sem escrúpulos, que maltratava os indígenas, cometendo contra êles tôda sorte de injustiças.

Um regimento patrulhava a região e um dos seus oficiais, o Capitão Hunt, era amigo dos índios, procurando sempre resolver os casos com diplomacia, em vez de usar de fôrça bruta. Na tropa, estava o guia e intérprete, Coyote, um índio da tribo de Acoma.

Certo dia, o cacique vai ao forte, protestar contra o tratamento que Wilcox infligia nos índios, reclamando a liberdade de dois de sua tribo, aprisionados pelo comandante. O oficial não lhe dá ouvidos. Acoma jura vingança, atirando aos pés do comandante o bastão de prata, declarando nulo o tratado de paz

Naquela noite, um grupo de índios invade o forte, liberta os dois índios e mata o comandante. Hunt assume o comando. Wilcox insiste em que Acoma e seus índios sejam perseguidos pelos soldados e exterminados.

No forte, estavam abrigados, além de Wilcox, duas passageiras da diligência de San Francisco, a linda Cherry bailarina e cantora e Mrs. Fenway, sua companheira de viagem.

Hunt decide organizar uma patrulha, para ir ao encontro de Acoma e resolver com êle a situação. O grupo incluía, entre outros o Tenente Vermont, o sargento Garrity, o soldado Anderson e o guia Coyote. Seguem pelo deserto, até chegarem ao planalto da Rocha de Acoma, onde acampam. Em breve, vêem, à distância, seguindo pela estrada, uma carruagem. Os índios atacam a diligência, sendo, porém, rechassados pelos soldados de Hunt. Na diligência seguiam, Wilcox, Cherry e Mrs. Fenway, tendo encetado viagem contra as ordens expressas de Hunt.

A patrulha, no alto da Rocha de Acoma, está agora cercada pelos índios, com poucas armas, alimentos e água racionada. Acoma tenta negociar com êles, pedindo que lhe entreguem Wilcox e o cêrco seria levantado.

Hunt recusa, e continua a bater-se com bravura. Vermont e Coyote, saindo em busca de reforços, são assassinados pelos índios. Wilcox, tentando fugir, é capturado e morto pelos peles-vermelhas.

No planalto, existia ruínas de um pequeno povoado e ali Hunt encon-

(Cont. na pág. 34)



Cherry (Marilyn Maxwell) e Mrs. Fenway (Verna Felton), em «Homens Verdadeiros»



Sargento Garrity (Andy Devine) e o filho do cacique Acoma, Chia, em «Homens Verdadeiros»

Cine MUNDIAL

ESTADOS UNIDOS

Robert Taylor continua bastante interessado na atriz alemã Ursula Thiess, mas parece que está mais interessado ainda em pescar nas margens do Oregon e em fazer, na Inglaterra, seu próximo filme «King Arthur and the Round Table».

★

Depois das férias provenientes de sua segunda maternidade, Jane Powell voltará aos estúdios da Metro para estrelar o musical «Athena».

★

Algumas cenas de «Against all Flags», filme de aventuras, tiveram que ser cortadas porque nelas Maureen O'Hara demonstra maior arrôjo e habilidade que Errol Flynn. Para salvaguardar o prestígio do famoso astro, não houve outro recurso senão aplicarem-se algumas tesouradas no filme.

★

Além de Tony Curtis, outra figura que anda às voltas com passes de mágica é Loretta Young. Em «Magic Lady» a estrêla faz o papel de uma ilusionista e, como a coisa é interessante, ela não resiste em demonstrar suas habilidades aos amigos.

★

Em Las Vegas o jovem ator John Barrimore Jr., de 20 anos, casou com a estrêla Cara Williams, de 25. Êle pela primeira vez, ela pela segunda.

★

A transformação por que está passando agora Anne Baxter, que acaba de virar uma «vamp» em grande estilo, resultou no divórcio que a atriz está querendo obter de seu marido John Hodiak.

★

Abordando a possibilidade de se cometer um crime para evitar outro, será rodado em março próximo o filme «Blueprint for Murder». Glória Grahame e William Lundigan serão os intérpretes principais.

★

Faith Domergue estava certa de estrelar o filme «Blowing Wild» para a Warner. À última hora entretanto foi recusada a pretexto de não servir para o papel, segundo a opinião do diretor do filme. Para melhores informações, o diretor em aprêço não é outra pessoa senão o próprio marido da estrêla, Hugo Fregonese.

ESPANHA

O diretor John Houston que acaba de realizar na França «Moulin Rouge», rodará em Sevilha a película «Matador», baseada na novela de Barnaby Conrad.



Julia Adams sente-se como uma anã entre seus dois galãs de «Horizons West», da Universal, pois Robert Ryan mede 1,89 e Rock Hudson «apenas» 1,92...



Bingo, um chipanzé que ganha 750 dólares por semana consulta em companhia da Bela Marilyn Monroe a sua parte no «script» de «Monkey Business», da Fox. Que companhia agradável!

ITÁLIA

A Lux Film iniciará brevemente a rodagem de «Carosello Napoletano», extraído da conhecida revista musical de muito sucesso não sòmente na Península como em outros países do mundo, inclusive o Brasil. O filme será dirigido por Ettore Gianini.

FRANÇA

A presença de Charles Chaplin em Paris serviu para resolver definitivamente uma velha questão levantada judicialmente por René Clair, segundo o qual o filme «Tempos Modernos» do genial cômico nada mais era que uma versão refundida do filme francês «A Nous la Liberté». A questão foi solucionada amigàvelmente, mas mesmo assim Carlitos teve que desembolsar uma considerável quantia...

INGLATERRA

Nos estúdios Pinewood, Anthony Darnborough produz «Encore», outra película das que o cine britânico aproveita o rico e interessante manancial dos contos de Somerset Maugham. Como intérpretes principais aparecerão os nomes de Nigel Patrick, Kay Walsh (a Nancy de «Oliver Twist»), Roland Culver e a encantadora Glynis Johns.

★

Por mais incrível que pareça, o astro do filme «Meet Mr. Lucider», produção de Anthony Pellisier, é um aparelho de televisão. O tema do filme se desenvolve sôbre os efeitos que o aparelho produz em seus sucessivos proprietários.



Dan se dirige a casa de Maisie e para fazê-la esquecer seus aborrecimentos lhe mostra o dinheiro que lhe haviam dado para levar o contrabando. A moça abre a caixa e descobre os diamantes, recomendando a Dan que fique com êles e peça ao negro que os leve para bordo, pois o fato de ter sido surpreendido com as meias, corre demasiado perigo. Quando Dan se afasta, Pamela (Joan Dowling), a irmã de Maisie que escutou a conversa, briga com ela por causa da caixa.

CINE ROMANCE

"BECO DO CRIME"

("POOL of LONDON")

Dirigida por Basil Dearden — Guia de Jack Whittingham e John Eldridge — Produtor associado: Michael Relph — Um filme dos Estúdios Ealing — Distribuído pela Universal International — Superintendente de produção: Hal Mason — Diretor de fotografia: Gordon Dines, A.R.P.S. — Editor gráfico: Peter Tanner — Gerente de produção: Ralph D. Hogg — Diretor artístico: Jim Morahan — Técnico de som: Stephen Dalby — Fotógrafo: Chick Waterson — Diretor ajudante: Harry Kratz — Gravação de som: Arthur Bradburn — Fotografia adicional: Lionel Banes F.R.P.S. — Continuidade: Jean Graham — Vestuário: Anthony Mendleson — Efeitos especiais: Geoffrey Dickinson — Maquilagem: Ernest Taylor e Harry Frampton — Penteados: Barbara Barnard — Música de John Addison — Interpretada pela Orquestra Filarmônica — Sob a direção de Ernest Irving.

E L E N C O :

Dan	**Bonar Colleano**	Trotter	**James Robertson Justice**
Pat	**Susan Shaw**	Andrews	**Michael Gorden**
Sally	**Renee Asherson**	Alf	**Alfie Bass**
Johnny	**Earl Cameron**	Mike	**Christopher Hewett**
Maisie	**Moira Lister**	Harry	**Leslie Phillips**
Vernon	**Max Adrian**	George	**George Benson**
Pamela	**Joan Dowling**	Williamson	**John Longden**

Tempo: 86 minutos



Dan propõe a Pat e Jahnny para irem dançar em companhia de sua amiguinha Maisie (Moira Lister). Durante o baile, Dan informa a esta de que não poderá entregar-lhe uns pares de meias que lhe trouxera, por ter sido descoberto pelo guarda da alfândega. Cheia de raiva, a jovem o deixa falando sòzinho e então Dan conhece Sally (Renne Asherson), uma empregada da companhia marítima a quem seu noivo havia abandonado.

DAN (Bonar Colleano) e seu amigo o negro jamaicano Johnny (Earl Cameron), formam parte da tripulação do «Dunbar», um barco de carga matriculado em Londres. Quando o barco atraca no cais, os marinheiros têm que passar pela alfândega. Dan pede a Johnny que declare como seus, uns pacotes de cigarros que êle lhe dá. O negro assim o faz e posteriormente os entrega a seu amigo numa taverna. Êste por sua vez os dá a outra pessoa, para quem costuma trazer contrabando.

Depois de tomar uns «drinks» com seus clientes, êstes propõem a Dan que leve para Rotterdam uma mercadoria, recebendo pelo contrabando cem mil libras esterlinas. O marinheiro aceita e em companhia de Johnny vai a um teatro de variedades para entrevistar-se com o acrobata Vernon (Max Adrian) que lhe dará instruções. Johnny fica esperando no vestíbulo e, enquanto seu amigo fala com o artista, trava amizade com a bilheteira Pat (Susan Shaw), a quem conta as tristezas de sua vida solitária. Não tem amigos em Londres e sonha voltar à sua terra. Dan visita sua amiguinha Maisie (Moira Lister) e lhe diz que lhe havia trazido meias «nylon» e que assim que as retire de bordo lh'as entregará. No barco, Dan faz presente de um par a Johnny, escondendo os restantes num saco, mas o fiscal da alfândega o revista e os descobre. O capitão, sabedor do fato, castiga a Dan, deixando-o de guarda. Êste roga então a Johnny que vá ao teatro para dizer a Vernon que não o espere. Isto dá oportunidade a Johnny para ver de novo Pat e, recordando-se das meias que lhe deu Dan, resolve fazer-lhe uma surprêsa.

No sábado pela noite, Dan, terminada a punição, corre ao teatro, onde se encontra com Johnny e Pat aos quais propõe irem dançar em companhia de Maisie. Durante o baile, esta, depois de brigar com Dan, porque êle não pôde levar as meias prometidas, o deixa sòzinho. Dan então trava amizade com Sally (Renee Asherson), uma empregada da companhia marítima cujo noivo a havia abandonado. Pat por sua vez convida a Johnny para ir apanhá-la no domingo para percorrerem juntos a cidade.

No dia seguinte, o acrobata e seus cúmplices assaltam a casa de um joalheiro para roubar uns valiosos diamantes que são os que Dan deverá passar para a Holanda. No assalto, Vernon mata o guarda, conseguindo escapar com seus cúmplices. O criminoso se dirige a uma igreja onde o espera o marinheiro e lhe entrega uma caixinha com as pedras roubadas. Êste se encaminha à casa de Maisie, a quem mostra o dinheiro que lhe tinham dado para levar o pacotinho a Rotterdam. Ao abri-lo, a moça descobre os diamantes e aconselha a Dan que fique com êles. Êle teme que o descubram e que o acusem de assassinato, mas Maisie o convence, sugerindo-lhe que entregue a caixinha a Johnny para

(Cont. na pág. 34)



A briga termina na rua sendo ambas detidas pela polícia, que fica sabendo que o marinheiro tem as pedras roubadas. Enquanto isso, Dan entrega a caixinha a Johnny, o qual alheio a tudo consente, sem relutar, em fazer o favor ao amigo. Mais tarde, Maisie informa Dan do sucedido e êste procura inùtilmente o negro para recuperar os diamantes, mas Jahnny não aparece, e Dan vai a casa de Sally para pedir-lhe que o esconda.

HOLLYWOOD BOULEVARD

POR DULCE DAMASCENO BRITO

(Correspondente de A CENA em Hollywood)

O que se diz e o que se ouve na meca do Cinema

Kathryn Grayson é a nova rainha dos estúdios da Warner. Após assinar vantajoso contrato com aquela companhia, Kathryn tem o direito de escolher seus filmes, liberdade para gravar os discos que quiser, aparecer na televisão, dar concertos em teatros e fazer tudo o que a Metro não lhe permitia quando a tinha em sua fôlha de pagamento. No momento, a meiga soprano filma «The Grace Moore Story», já com os cabelos tintos de louro. Depois, fará uma versão musical de «Saratoga Trunk» (Mulher Exótica). O único defeito na vida de Kathryn é a sua vida amorosa, que ainda não **tomou pé** depois do divórcio de Johnnie Johnston.

★

Após vender sua parte na RKO ao sindicato de Ralph Stolkin, Howard Hughes foi chamado de volta àqueles estúdios e eleito membro da diretoria! Stolkin desculpou-se dessa reviravolta, alegando que precisa de alguém com grande conhecimento da RKO para ajudá-lo a recolocar os estúdios nos eixos...

★

Correm rumores de que Joan Evans está esperando bebê. Joan, como se sabe, desposou há pouco tempo o ex-ator e atual corretor de seguros Kirby Weatherly, a despeito do não consentimento de seus pais, tendo a cerimônia sido realizada na casa de sua madrinha, Joan Crawford. No entanto, vimos Joan na **première** de «The Star» (o novo filme de Bette Davis) em companhia dos pais — Katherine Albert e Dale Eunson — que foram os autores do argumento da fita.

★

Continua o romance de Robert Taylor com a belíssima atriz alemã Ursula Theiss, que Howard Hughes descobriu para a RKO. Apesar de ser hoje uma das mais populares figuras nos meios cinematográficos da cidade, Ursula ainda não foi vista na tela, pois seu primeiro filme americano — «Monsoon», filmado na Índia — está encrencado com o «Johnston Office».

★

Lana Turner e Ricardo Montalban já começaram a sambar para o «Latin Lovers» nos estúdios da Metro. No elenco estão também: John Lund, Louis Calhern, Jean Hagen, Beulah Bondi, Eduard Franz, Rita Moreno e o conjunto de ritmo «The Modernaires». Cinco novas canções serão ouvidas no decorrer do filme: **Carlotta, You Gotta Be Mine, A Little More of Yor Amor, I Had to Kiss You, Come to My Arms e Night and You.**

★

O atual «boy-friend» de Joan Crawford é o diretor Nicholas Ray, que recentemente divorciou-se da atriz Glória Grahame. Apesar disso, Joan e Glória continuam boas amigas. Ambas aparecem juntas em «Precipícios da Alma» (Sudden Fear).



William Holden mostra à jovem atriz Pat Crowley um arquivo fotográfico da indústria hollywoodiana desde os tempos do cinema silencioso. Pat é a nova descoberta da Paramount para o filme «Forever Female», com Holden e Ginger Rogers



Após a filmagem de «Young Bess» com seu marido Stewart Granger, Jean Simmons foi descansar em Malibu, apesar do rigoroso inverno, mas já voltou à Metro para «estrelar» «Years Ago», com Spencer Tracy e Teresa Wright



James Mason volta a fazer o papel de Marechal Von Rommel em «Desert Rats», da Fox. Aqui vemos o ator inglês, em palestra com o diretor Robert Wise, em seu camarim



— Vamos diga-lhe o que mandei, senão eu a farei em pedaços!...



Entre beijos e balas, Mike e Ingrid vivem os momentos mais cruéis e felizes de suas vidas...

Cine-romance

CAVALHEIRO DA AVENTURA

(Black Jack)

ELENCO:

GEORGE SANDERS	**Mike Alexander**
HERBERT MARSHALL	**Dr. Curtiss**
PATRICIA ROC	**Ingrid Dekker**
AGNES MOOREHEAD	**Mrs. Birk**
DALIO	**Capitão Nikaresco**

FICHA TECNICA

Argumento extraído de uma idéia original de Robert Gaillard e cenarizado por JULIEN DUVIVIER e CHARLES SPAAK, com diálogos de Michael Pertwee

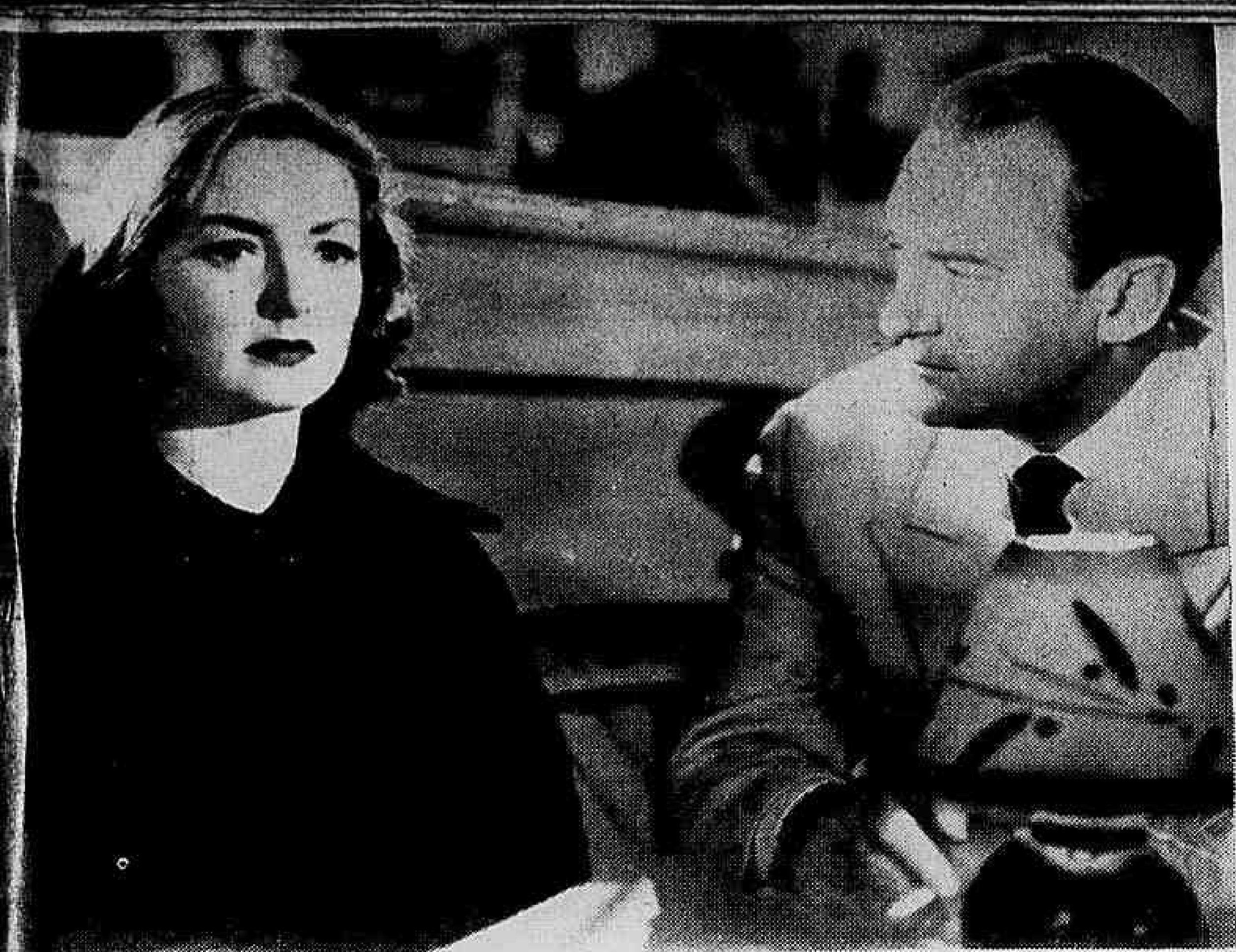
Direção de:	**JULIEN DUVIVIER**
Música de:	**Joseph Kosma**
Fotografia de:	**André Thomas**
Produtores	**Michael Salkind**
	Almos Mezo

Uma seleção "COFRAM" distribuída pela "FRANÇA FILMS DO BRASIL S. A."

RESUMO DO ARGUMENTO

Mike Alexander (George Sanders) é um advogado americano. Estêve na guerra e vinha agora em busca de uma vida aventureira.

Desprovido de escrúpulos, êle sonhava em ganhar muito dinheiro



Mike sente-se constrangido diante de uma Ingrid muda e sempre desdenhosa que se recusa a receber qualquer auxílio de sua parte

e poder retirar-se dos "negócios". E' proprietário do iate Black Jack, cujo centro de operação são o Mediterrâneo ocidental, as ilhas Baleares e Tanger.

Um dia, na cidade de Palma, é abordado por um homem de vida misteriosa. E' Nikaresco (Dalio), capitão de um cargueiro chamado "Chalcis", que entre seu serviço normal de transporte de carga, fazia o transporte clandestino de passageiros; pessoas que desejavam abandonar a Europa, entre essas pessoas, algumas de posição importante dentro da política e dos negócios internacionais.

O "Chalcis" está semi-naufragado e, por isso impossibilitado de continuar viagem, fundeado nas costas da ilha de Palma. Nikaresco pede a Mike que salve os seis passageiros de seu barco, e os faça chegar a terra sãos e salvos. São, na verdade, os únicos que estão em condições de pagar o perigoso desembarque, que Mike realiza em seu "Black Jack", exigindo para êle a maior parte do dinheiro, deixando apenas uma comissão para Nikaresco. Antes de abandonar o seu "sócio", Mike o aconselha a embicar o "Chalcis" numa ilha deserta de modo que os demais passageiros possam passar a terra firme.

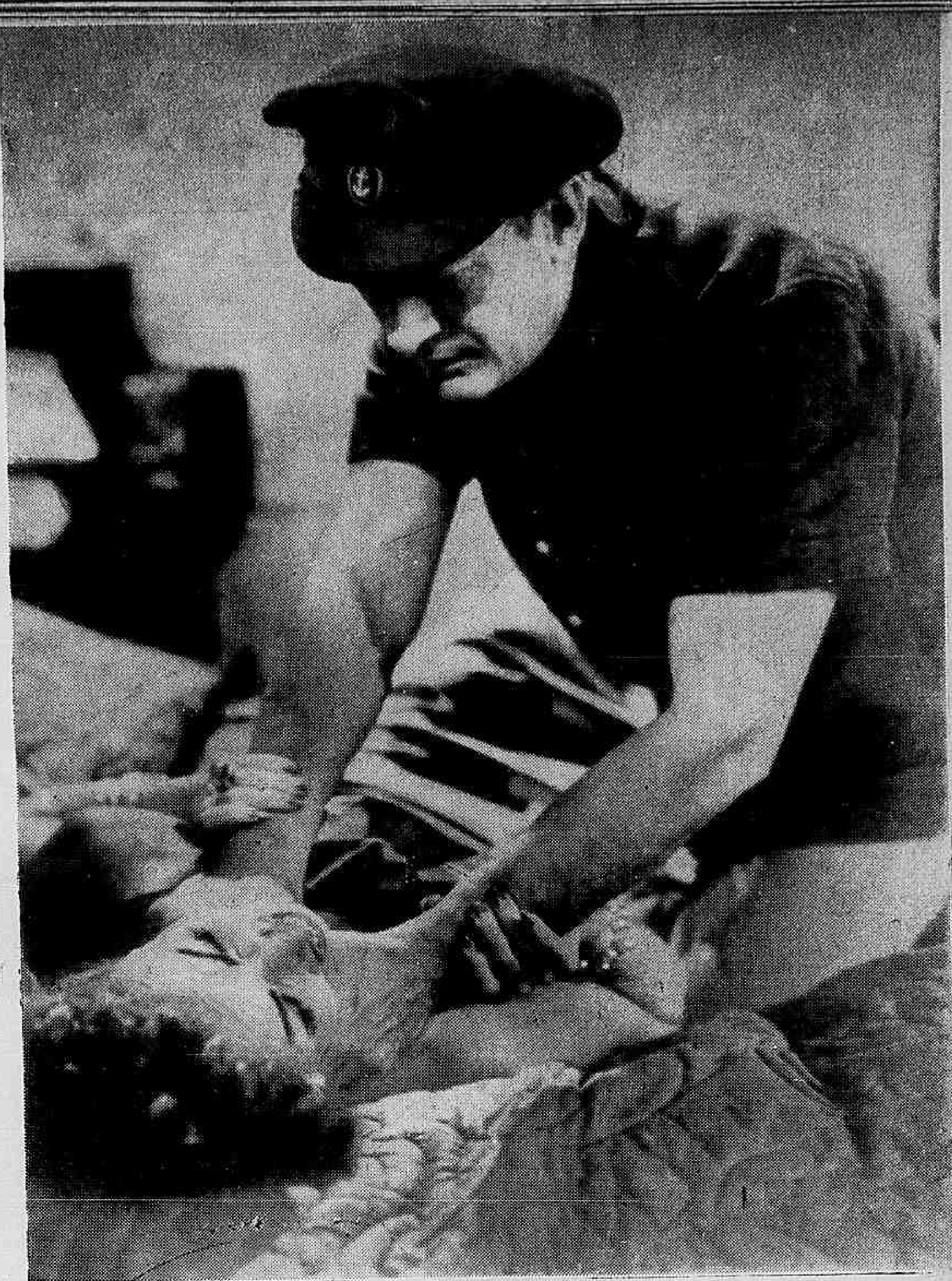
A bordo do "Chalcis", Mike vem a conhecer uma formosa mulher, Ingrid (Patricia Roc), de singular atração. Êle convida-a a seguir com êle em seu iate, porém ela recusa o convite com certo desprêzo. Mais tarde Mike a encontra em Tanger, onde Ingrid foi acompanhada de Nikaresco, quem a fêz acreditar que o "Chalcis" estragou-se devido as explosões das caldeiras e que ela é a única sobrevivente da catástrofe.

Mike encontra Ingrid, silenciosa e despreciativa, que se nega a aceitar qualquer auxílio de sua parte. O tempo passa, certo dia, a encontra em Palma, onde Ingrid é agora dama de companhia de uma milionária estravagante, Mrs. Birk (Agnes Moorhead).

Enquanto isso, Mike encontra um velho companheiro do exército; o Dr. Curtiss (Herbert Marshall).

Um dia, em Palma, Ingrid e Mike falam do casco do "Chalcis" e descobrem que Nikaresco tentou afundá-lo propositadamente, depois de haver encerrado nos porões alguns passageiros, os quais morreram afogados depois de espantosa agonia.

Mrs. Birk advertiu a Ingrid, que ela devia dar parte a polícia, o qual não fizera com mêdo do que poderia acontecer a Mike. Êste último espera um grande carregamento de drogas que chegaria de Singapura, nos porões de um barco-escola. Essa carga deveria passar para o "Black Jack".



Diga-me: onde se encontra Ingrid... Vamos diga senão eu a estrangularei!...

Porém Nikaresco se interpõe para arrebatar-lhe o negócio.

Emocionantes cenas seguem esta situação.

Mike procura recuperar seu carregamento e cada dia aumenta seu amor por Ingrid... E os dois, perdidamente apaixonados um pelo outro, são desesperadamente perseguidos pela polícia internacional a bordo do iate "Black Jack". E entre beijos e balas, Mike e Ingrid vivem os momentos mais cruéis e felizes de suas vidas...

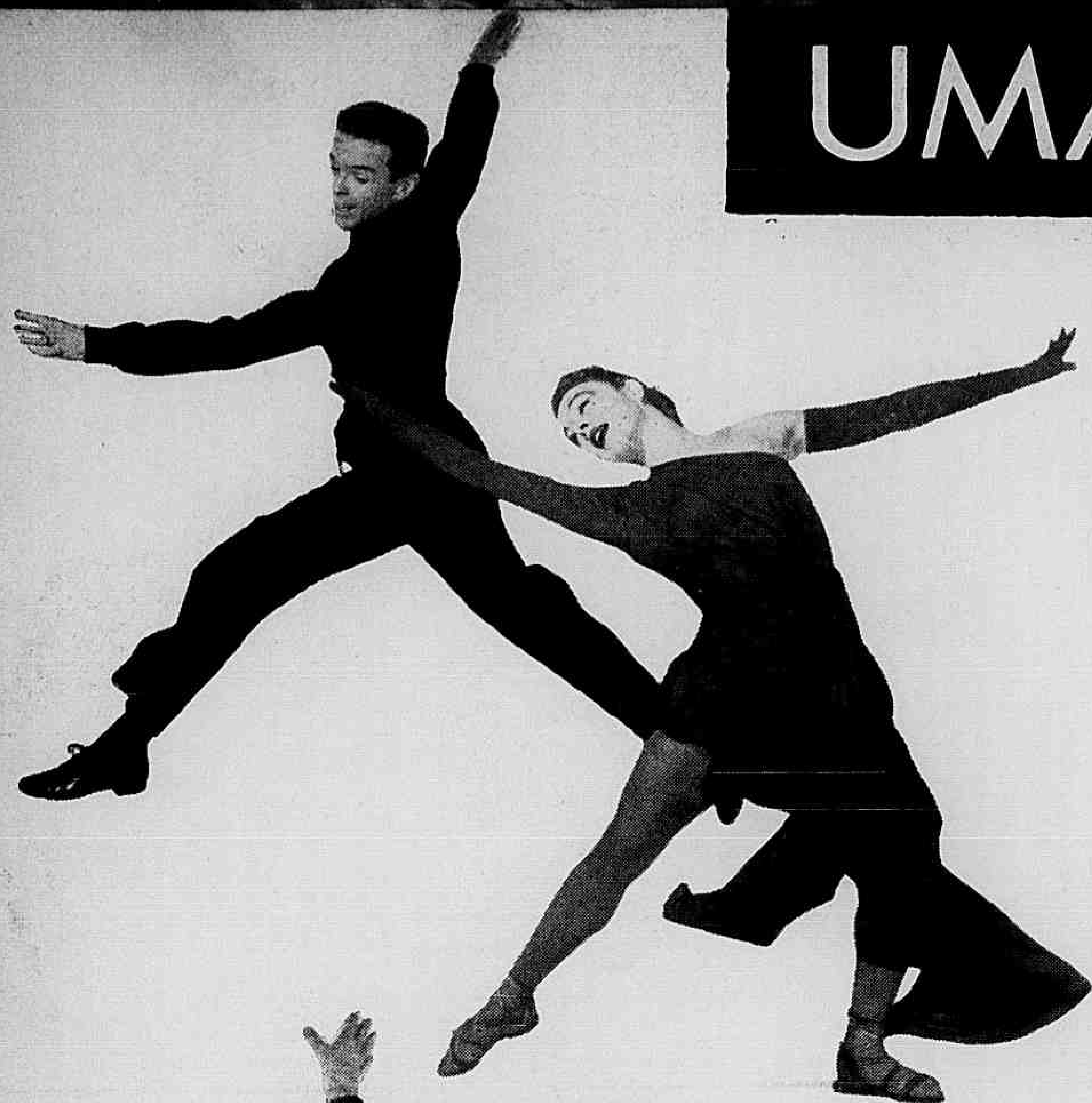


A elegante Mrs. Birk advertiu a Ingrid que ela deveria dar parte à polícia, o qual não fizera com mêdo do que poderia acontecer ao seu amado...



Enquanto isso, Mike encontra um velho companheiro do exército, que o ajuda a safar-se da polícia e de seus inimigos assassinos

UMA COMBINAÇ



Todo casal de dançarinos devia ser casado.

E' o que dizem Marge e Gower Champion. Realizaram a nobre experiência e a mesma foi além de seus ternos sonhos.

— Não há a questão de colocação de nomes no cartaz, quem deve figurar em primeiro lugar — explicou Marge.

— E faz a conta bancária mais sólida — acrescentou Gower.

Os Champion ocupam uma posição única em Hollywood. E' a primeira dupla casada que já apareceu na tela desempenhando três funções.

Dançam ! Cantam ! Representam !

Seu fenomenal sucesso êles atribuem ao casamento.

Na qualidade de Champion & Bell conquistaram alguma fama.

Na qualidade de Marge & Champion conquistaram atenção.

Como The Champions (Os Campeões) provaram justamente serem isso.

— Claro que é meu nome verdadeiro — disse Gower sorrindo — Acham que alguém possa deliberadamente escolher um nome assim?

Os Champion chegaram a formar dupla após anos de serem simples amigos.

Conheceram-se no Junior High School de Los Angeles.

Tratava-se puramente de uma coisa platônica favorecida pelo fato de o professor de História preferir que seus estudantes se sentassem alfabèticamente. Daí ser Belcher quem se sentava junto de Gower.

A conversa entre os dois era limitada devido ao fato de natureza própria à idade. Meninas de 12 anos são sempre inimigas ferrenhas de meninos de 12 anos — e vice-versa. Sòmente durante o tempo de exames finais era êsse estado de coisas temporàriamente abrandado.

— Marge sempre foi uma aluna aplicada — Gower explicou.

Os dois seguiram em seus caminhos separados na escola secundária e não se encontraram mais, senão alguns anos depois, quando Marge atuava num espetáculo em Nova York e Gower fazia sucesso na Broadway após ter servido

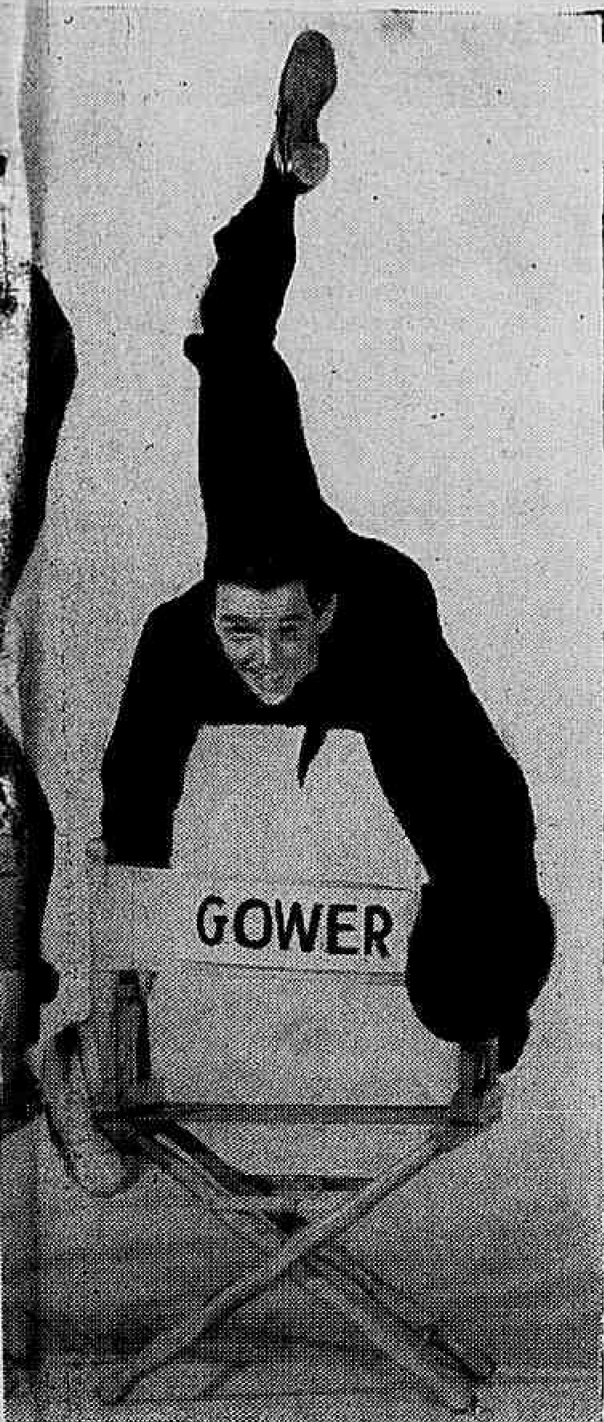








ÇÃO PERFEITA





JAMES ARTHUR

algum tempo na Guarda da Costa durante a Segunda Guerra Mundial.

Seu primeiro encontro foi casual, para um jantar.

Êsse foi seguido de outros jantares — não tão usuais.

Então Marge recebeu a proposta de fazer dupla com o rapaz com quem dançava no «show».

— Se você vai dançar com alguém, dançará comigo — anunciou Gower.

Dito e feito.

Após vários meses de ensaios, o casal partiu para o Canadá, depois regressou aos Estados Unidos para felizes aparições em diversas boites de luxo.

Nessa ocasião Oscar Hammerstein teve sua atenção voltada para uma Marlorie Belcher e abordou-a para executar uma função para êle.

Houve um jantar iluminado a velas num restaurante — Marge se debulhando em lágrimas, soluçando que não queria desfazer a dupla. E Gower nobremente insistindo que aquela era a sua grande chance, que ela devia aproveitá-la.

Foi assim que surgiu a proposta de casamento.

Conforme Marge o rememora, não foi uma coisa cem por cento romântica — apenas o estabelecimento de um fato.

— Talvez nos casaremos algum dia, de qualquer forma — anunciou Gower. — Aliás bem que poderia ser agora.

De modo que foi assim que o B foi trocado para C e que a dupla dançarina de Champion e Champion ficou constituída oficialmente.

Tão romântica quanto comercial, é uma combinação perfeita. Gower é o coreógrafo, Marge a editôra. Gower sonha com os números e Marge os prepara.

Marge é também a figurinista e a técnica em efeitos especiais da dupla. E' ela quem imagina os artifícios e adereços necessários para realizar um sucesso coreográfico.

Marge e Gower Champion, que recentemente concluíram seus trabalhos ao lado de Kathryn Grayson, Red Skelton,

(Cont. na pág. 34)







Anne Francis, a preferida do leitor Djalma Motta, do Rio de Janeiro

o fã pergunta: "A CENA" responde

PAULO CÉSAR (Distrito Federal) — «... poderia fornecer-me a ficha completa do filme «Pede Le Moko» ?

R — «Império do Crime» (Pepe Le Moko), 1936, de Julien Duvivier — Assunto de um romance de Rogér D'Ashelbé — Cenarização de Duvivier e D'Ashelbé de Henry Jeanson — Fotografia de Kruger e Marc Frossard — Música de Vincent Scoto e Mohamed Yguer Buchen — Intérpretes: Jean Gabin, Mireile Balin, Marcel Dalio, Lucas Gridoux, Line Noro e Gabriel Gabrio.

SAMI RAMADAM (Distrito Federal) — «... qual foi o primeiro filme em tecnicolor ?»

R — Filme de longa metragem foi «Amor e ódio na Floresta», com Fred Mac Murray, Henry Fonda e Silvia Sidney.

IEDA MOREIRA (São Paulo) — «... quem é mais antiga no cinema, Marlene Dietrich ou Dolores del Rio ?»

R — Quando Marlene entrou para o cinema, em 1930, já Dolores del Rio era estrêla de primeira grandeza há vários anos.

DJALMA MOTTA (Distrito Federal) — «... onde e quando nasceu Anne Francis ?»

R — Considerada uma das mais promissoras «starlets» do cinema americano, Anne Francis nasceu em Ossining, New York, no dia 10 de setembro de 1931. Começou trabalhando no rádio com apenas sete anos, em programas infantis. Depois passou para a televisão e por fim entrou para o cinema onde teve o papel mais importante de sua carreira em «Lídia Bailey».

TERESA DOS ANJOS (Niterói) — «... qual o primeiro filme de Richard Todd ?»

R — Richard Todd foi lançado no cinema pelo diretor Alberto Cavalcanti no filme «O Transgressor» (For Them that Trespass), 1948. Já trabalhou sob a direção de Hitchcock em «Pavor nos Bastidores» (Stage Fright) com Marlene Dietrich, filme de 1949.

ZÉCA (?) — «... qual o elenco principal e secundário do filme «Mulheres em Perigo» ?

R — Glenn Ford, Gene Tierney, Ethel Barrimore, Zachary Scot, Ann Dvorah, Helen Westcott, Barbara Bates, Jeannete Nolan, Cyril Cussack, Richard Hilton, Harry Cartet.

J. M. C. (Distrito Federal) — «... Lucille Ball não trabalha mais para o cinema ?»

R — Lucillé passou-se com armas e bagagens para a Televisão de que é a figura mais querida nos Estados Unidos. Mesmo assim ela não recusa nenhuma proposta para filmar.

JORGE ALENCAR (Distrito Federal) — «...quais os filmes mencionados para o «Oscar» de 1952 ?»

R — Fala-se em «Matar ou Morrer» (High Noon), com Gary Cooper «The Star» com Bette Davis, «My Cousin Rachel» com Olivia de Havilland, «Moulin-Rouge» com José Ferrer, «Come Back Little Sheba» com Shirley Booth e outros.

REINALDO LEME (Botucatu) — «... é verdade que Vittorio Gassmann estêve contratado para fazer um filme na Vera Cruz ?»

(Cont. na pág. 34)

Cine-Crítica do LEITOR

"SIMÃO, O CAOLHO"

Por JOSÉ SILVEIRA
(Pôrto Alegre)

Alberto Cavalcanti é um brasileiro que viveu a sua mocidade na Europa, aprendeu cinema, dirigiu grandes filmes e levantou o cinema inglês, quando êste claudicava. Veio para o Brasil com vontade de fazer Cinema, apresentou o projeto do Instituto Nacional de Cinema, foi violentamente criticado pelos "marmiteiros" que faziam (e fazem) parte da nossa cinematografia. (Há uma "panelinha" no cinema nacional, composta de interesseiros e analfabetos cinematogràficamente).

Cavalcanti produziu "Caiçara" e "Terra é sempre terra", sendo que agora dirigiu "Simão, o caolho". Para um diretor da classe dêle, "Simão, o caolho" não é nenhuma "áfrica". Devemos, é certo, tolerar alguma falha porquanto Cavalcanti teve de lutar com dificuldade para fazer essa película. Apesar de tudo êle nos dá um filme que agrada cem por cento, tanto à massa — que se delicia com as oportunas piadas de Simão — como à cátedra, que admira o progresso do nosso cinema.

Cavalcanti, em pleno 1952, compôs uma época: o ano de 1932; apesar de eu ainda não ser nascido nesse ano, senti o "cheiro" do passado. Tudo está de acôrdo, desde o laboratório do Santo — que lembra-nos Méliès — até o café, ponto de reunião da turminha. Para mim o climax do filme é atingido já na época atual, no espetacular sonho do Caolho. Revela-se então o Cavalcanti satírico, fazendo blague dos nossos políticos, focalizando os métodos demagógicos de muita gente boa (?).

O pulso de Cavalcanti é notado, especialmente, no que diz respeito às interpretações. Os que aparecem, de um modo geral são bons, ou ao menos são bem dirigidos, mas o triângulo central, composto de Mesquitinha, Rachel Martins e Carlos Araújo, está impecável. Mesquitinha vive Simão, com sinceridade; Rachel Martins, que não é nenhum brôto, é a sensação do filme, a melhor do elenco; Carlos Araújo compõe um difícil tipo, com muita classe. Em geral nossos atores declamam os diálogos, a ponto de alguém dizer que nossa língua não dá para cinema, mas em "Simão, o caolho" isto não acontece porque são diridos por um Diretor (com letra maiúscula).

"Simão, o caolho" não é um filme para festivais internacionais, mas pode ser o início de uma nova era em nossa Sétima Arte; talvez seja o prelúdio para reais sucessos. Acho que está chegando a tão esperada época da redenção cinematográfica do Brasil. Com Cavalcanti trabalhando, com uma boa equipe técnica, com oportunidades aos novos, e, com sinceridade, poderemos chegar à plenitude. Tenho a impressão de que Cavalcanti não dormirá nos louros, trabalhará, isso sim, para o engrandecimento do cinema verde-amarelo, para que mais tarde possamos gritar aos quatro ventos: JÁ SE FAZ CINEMA NO BRASIL !!!



Um instante da filmagem de "Simão, o caolho", vendo-se Mesquitinha contracenando com Raquel Martins, sob as vistas de Cavalcanti

Rádio Cena



ROSITA GONZALES
"RAINHA do DISCO"



ESTREANDO no mundo fonográfico com o bolero «Noite após Noite», a cantora Rosita Gonzalez marcou expressivo triunfo, ganhando o título de «Rainha do Disco de 1952»

ROSITA GONZALEZ É, AGORA, S. M. A "RAINHA DO DISCO DE 52"

A JOVEM CANTORA, QUE HÁ TEMPOS FOI CORTADA DA NACIONAL, VENCEU UM CONCURSO PATROCINADO PELA PRÓPRIA NACIONAL... ★ DADOS BIOGRÁFICOS DA NOVA MAJESTADE DO MUNDO RADIOFÔNICO.

Texto de M. CORRÊA **Fotos de ALEXANDRE MIRANDA**

RENATO Murce, o mais antigo produtor do «broadcasting» carioca, tem uma fôlha de bons serviços prestados à radiofonia verde-amarela. Um dêsses serviços — do qual êle se orgulha bastante — é o de ter revelado inúmeros elementos no seu tradicional «Papel Carbono» Dóris Monteiro, Ericson Martha, Luís Gonzaga, Rosita Gonzalez e tantos outros elementos que hoje brilham no cenário radiofônico, saíram daquele programa do criador das «Piadas do Manduca». Agora que Rosita Gonzalez, sua ex-pupila, vem de ser laureada com o título de «Rainha do disco de 52», o veterano «broadcaster» deve estar satisfeitíssimo.

★

Foi em 1947 que a interessante vocalista resolveu tentar o seu ingresso no rádio. Como, através de «Papel Carbono», a Nacional estivesse realizando um concurso para selecionar uma intérprete de melodias aztecas para o seu elenco, ela, mesma a contragosto de seu pai, inscreveu-se no certame. No dia da prova final, o público deveria escolher aquela que seria a vencedora e a apuração ia ser feita pela duração e intensidade dos aplausos. Como provam os discos existentes na emissora da Praça Mauá, ela recebeu a maior ovação e conseguiu o primeiro lugar.

Ao recordar êsse fato para o repórter, Rosita deixa escapar um detalhe muito interessante: ela, ao que parece, não deveria ser a vencedora, tanto que Renato Murce insistiu diversas vêzes e ela continuava sendo a mais aplaudida. Finalmente Vítor Costa veio ao palco e, chamando o condutor do programa ao corredor, ordenou-lhe que contratasse as duas vencedoras...

★

Todos os contratos de Rosita Gonzalez com a PRE-8 foram de seis meses, com prorrogação de mais três e renovação. O seu primeiro ordenado foi de mil e quinhentos cruzeiros e o último de dois mil e quinhentos. Dedicando o melhor de seu esfôrço e o máximo de boa-vontade ao rádio, abandonou até mesmo os estudos durante um ano para cumprir as suas obrigações contratuais com a Nacional. Entretanto, nos últimos dias do ano de 1950, foi surpreendida com a notícia de que fôra dispensada da E-8 por medida de economia. O choque, como é óbvio, foi violento. Ela, no entanto, não se abalou e aproveitou a oportunidade para reiniciar os estudos, já que estava dentro dos seus planos futuros formar-se em medicina. Tempos depois, foi convidada a ingressar na Rádio Mayrink Veiga e ali está brilhando como estrêla de primeira grandeza.

★

Sem nunca ter gravado, já que nos seus anos de Rádio Nacional jamais lhe surgira uma chance para tal, Rosita vem de estrear auspiciosamente no mundo fonográfico, perpetuando na cêra, em etiquêta Elite, o bonito bolero de Haroldo Eiras e Vítor Berbara, «Noite após noite», que foi a gravacão vencedora do I Festival do Disco, patrocinado pela Rádio Nacional, a mesma emissora que há tempos lhe dera um incômodo bilhete azul... Graças a essa magnífica vitória, Rosita recebeu da Associação Brasileira dos Cronistas de Disco o honroso título de «Rainha do Disco de 1952».

A graciosa cantora, em face dêsse excelente triunfo, não cabe em si de satisfação:



ENSAIANDO com o maestro Alexandre Gnatalli. Foi êle o orquestrador da melodia que lhe deu a vitória no I Festival do Disco realizado há pouco

— Modéstia à parte — explica à reportagem — isso é raro acontecer: um disco de estréia receber uma láurea de tal envergadura.

E depois, sob as vistas da dupla Haroldo Eiras-Vítor Berbara, que vem marcando tentos sucessivos com as suas composições, confessa:

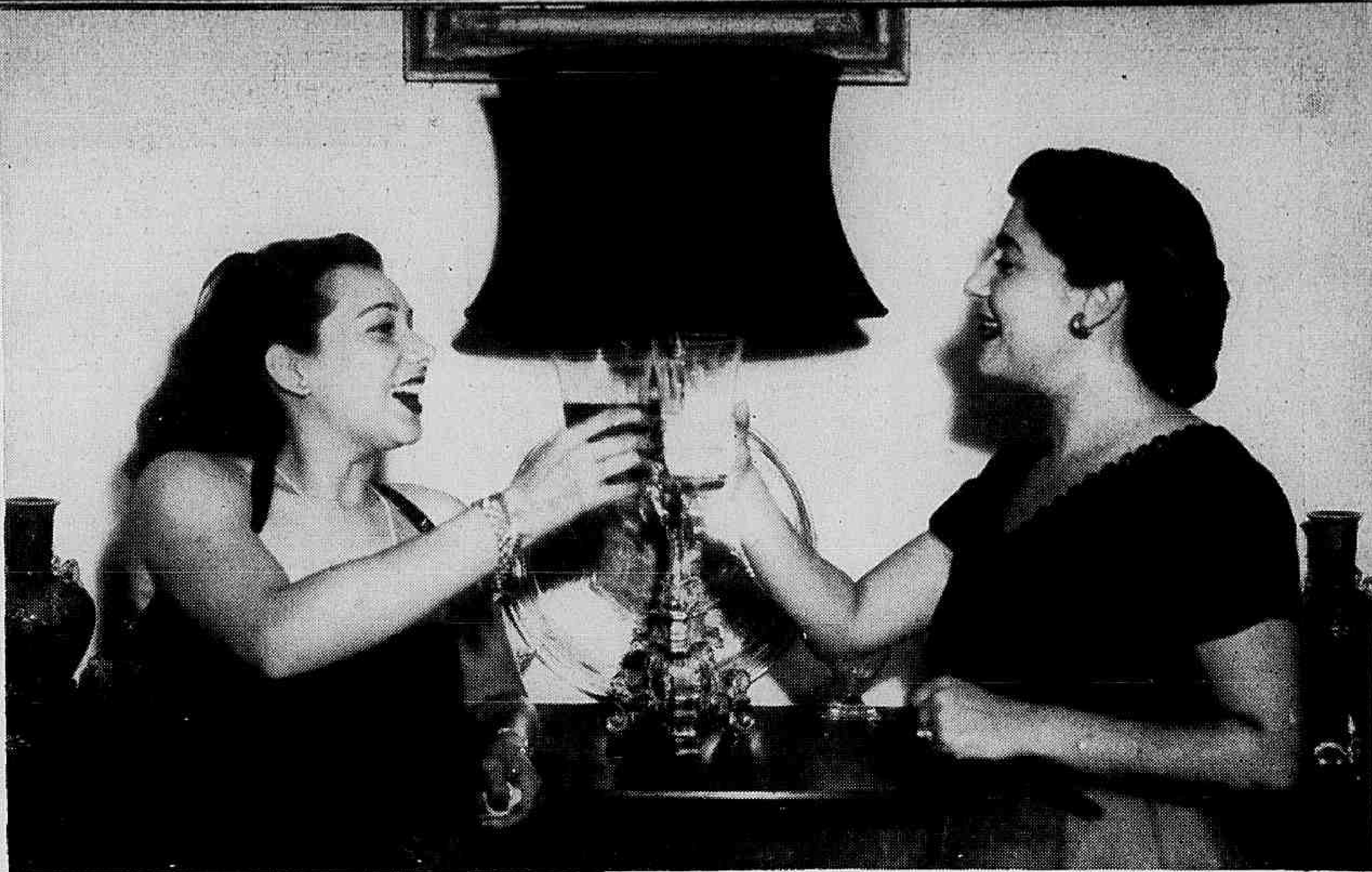
— Eu não contava com a vitória, sabe? Havia tanta gente de cartaz participando do certame, que eu me contentaria com um modesto terceiro lugar...

Haroldo Eiras, então, toma a palavra, pois Rosita estava atarefada em receber os cumprimentos de pessoas amigas e admiradores:

— Também estou radiante com a vitória, pois o páreo foi duro. Não pensem, porém, que, para vencermos, caímos na cabala ou compramos votos, como é comum nessas ocasiões. Triunfamos graças aos votos que os ouvintes do interior remeteram à Rádio Nacional — patrocinadora do certame — e à classificação dos associados da A.B.C.D. Foram, portanto, duas vitórias.

Chega, então, a vez de Vítor Berbara opinar:

— Vale ressaltar, entretanto, que a vitória não pertence apenas à intérprete ou aos autores da música; grande parte do triunfo foi devido à esplêndida orquestração (Cont. na pág. 34)



BRINDANDO a vitória com Juanita Castillos, cantora de boleros (noiva do maestro Gnatalli), a graciosa Rosita dá expansão à sua satisfação

VICTOR BERBARA e Haroldo Eiras, autores de «Noite após Noite», ouvem a estrêla da A-9 (acompanhada pelo maestro Gnatalli) interpretar mais uma vez a página musical vitoriosa no concurso patrocinado pela Rádio Nacional. Na outra foto, Rosita exibe a faixa que lhe outorga o título de «Rainha do Disco de 1952»







Joel e Gaúcho, no seu retôrno à Rádio Nacional, não chegaram a esquentar lugar, pois atenderam ao excelente convite que receberam para atuar em emissoras e "boites" de Montevidéu, a fim de difundir os nossos ritmos carnavalescos, coma legítimos campeões dos folguedos momescos que são. No regresso, a veterana dupla promete marcar novos êxitos ao microfone da emissora da Praça Mauá.

DAQUI, DALI, DACOLÁ

Consta que o sr. Henrique Tavares, que já foi um dos maiorais da Rádio Globo, adquiriu a Rádio Relógio Federal, que, brevemente, entrará em nova fase.

★

Max Nunes, que firmou contrato com a Tupi, deverá estrear em seu novo prefixo no mês de março vindouro.

★

A atriz Tônia Carrero ingressou na Rádio Nacional de São Paulo.

★

O violinista Fafá Lemos embarcou para os Estados Unidos, onde deverá permanecer durante algum tempo.

★

Navarro de Andrade, que pertencia ao elenco de teatro cego da Globo, acaba de ser contratado pela Rádio Nacional.

★

Jessy Barbosa, que se achava afastada do rádio, é a autora dos "scripts" do "Chá das três", que a Globo apresenta tôdas as tardes na palavra de Jonas Garret.

★

A Rádio Inconfidência, na "Semana do Cinema Nacional", deverá prestar significativa homenagem ao "broadcaster" Celestino Silveira, pela passagem do 20º aniversário de fundação do programa "Cine-Rádio-Jornal".

★

Jorge Veiga está atuando com geral agrado na "Boite" Beguin.

★

O violento temporal que desabou sôbre o Rio na semana passada, derrubou a tôrre da Rádio Tamoio, motivo porque a B-7 estêve fora do ar durante algumas horas.

★

Assumiu as funções de diretor de rádio-teatro da Roquete Pinto o cineasta Berliet Júnior.

★

Por falar em Roquete Pinto: consta que a PRD-5 voltará a transmitir partidas de futebol.

★

Fala-se que, após o término do contrato que o prende a Tupi (o que se dará em março), Domingos Araújo ingressará na Rádio Eldorado.

★

A Emissora Continental, que já iniciou as transmissões, em caráter experimental, de ondas curtas, anuncia que irradiará 24 horas por dia, sem qualquer interrupção nos seus serviços.

★

O engenheiro Jean Paul é o novo diretor da Televisão Tupi, em substituição a Fernando Chateaubriand.

★

Uma das principais "boites" de Paris está anunciando Linda Batista como uma de suas grandes atrações para depois do carnaval.

★

Galhardi Guianás, conhecido cronista de turfe, vem de substituir o escritor Otto Schneider na direção artística da Rádio Globo.

(Cont. na pág. 34)

PONTOS de VISTA

— "Gilson Amado, diretor-superintendente da PRA-9, acredita na vitória de Ângela Maria para o próximo reinado do rádio. Fala-se até que Gilson Amado comprará 20 mil votos de Ângela Maria" — *José Machado.*

★

— "A Eldorado, cantou muito alto de início. Disse que faria uma porção de coisas, que até hoje pouco, ou nada vimos, além do que já temos em comum em todo o Rádio" — *Ary Vizeu.*

★

— "Nas apurações do concurso "Os melhores das Associadas", levadas a efeito na Tamoio, o resultado é êste: melhor rádio-ator, da Tamoio! Melhor rádio-atriz, da Tamoio! Melhor orquestra, da Tamoio! Melhor animador, da Tamoio! Melhor diretor, da Tamoio! Enfim, só da mesmo mas é Tamoio! Eta, marmelada gostosa!" — *Marijô.*

★

— "Infelizmente, a falta de compromisso anda sôlta por aí. Raios da profissão. Mas o pobre do cronista continua a trabalhar, porque estas contrariedades são partes de sua vida" — *Aldrighi.*

DISSE-ME-DISSE

Dircinha Batista está aborrecida com Milton Salles. Disse ela, numa roda de artistas:

— Não sei que é que eu fiz a êle. O Milton, quando me focaliza numa reportagem me trata como se eu fôsse uma principiante...

★

Dizem que a Emilinha Borba está olhando a Wahita Brasil meio de esguelha pelo simples fato dessa rádio-atriz, que também pertence à Rádio Nacional, ter-se pronunciado a favor da candidatura Aidée Miranda ao título de Rainha do Rádio.

★

Os músicos das Associadas são uns espertalhões, pois recebem o pagamento sempre em dia. Sabem qual é o sistema dêles? Ameaçam de não comparecer à rádio para cumprir a sua tarefa caso não recebam os salários...

★

Klécius Caldas, autor de "Zé Carioca" (gravação de Linda Batista), acusou, pela Emissora Continental, os autores de "Zé Marmita" (gravação de Marlene) de terem plagiado a sua composição. No fim das contas, vai ficar tudo em casa, pois Luís Antônio, um dos autores dêsse último samba, é também oficial do Exército...

MR. KILOCYCLO

VALE A PENA SABER

Ari Barroso e Paulo Reberto já escreveram uma novela de parceria, a qual foi levada ao ar pela Rádio Cruzeiro do Sul.

★

Silvio Caldas foi lançado por Milonguita, na Mayrink Veiga, como cantor de tangos.

★

Certa vez, na Rádio Nacional, Silvino Neto realizou o casamento de Pimpinela com o Januário, tendo Almirante desempenhado o papel de padre.

★

Aluizio Silva Araújo, o popular "Recruta 23", antes de dedicar-se ao humorismo, ganhava a vida como pianista e compositor.

★

Sagramor de Scuvero coleciona xicaras antigas e raras, caixas de fósforos e moedas.

★

A rádio-atriz Tina Vitta já foi a primeira bailarina de um conjunto dirigido por Maria Olenewa, no Teatro Municipal.

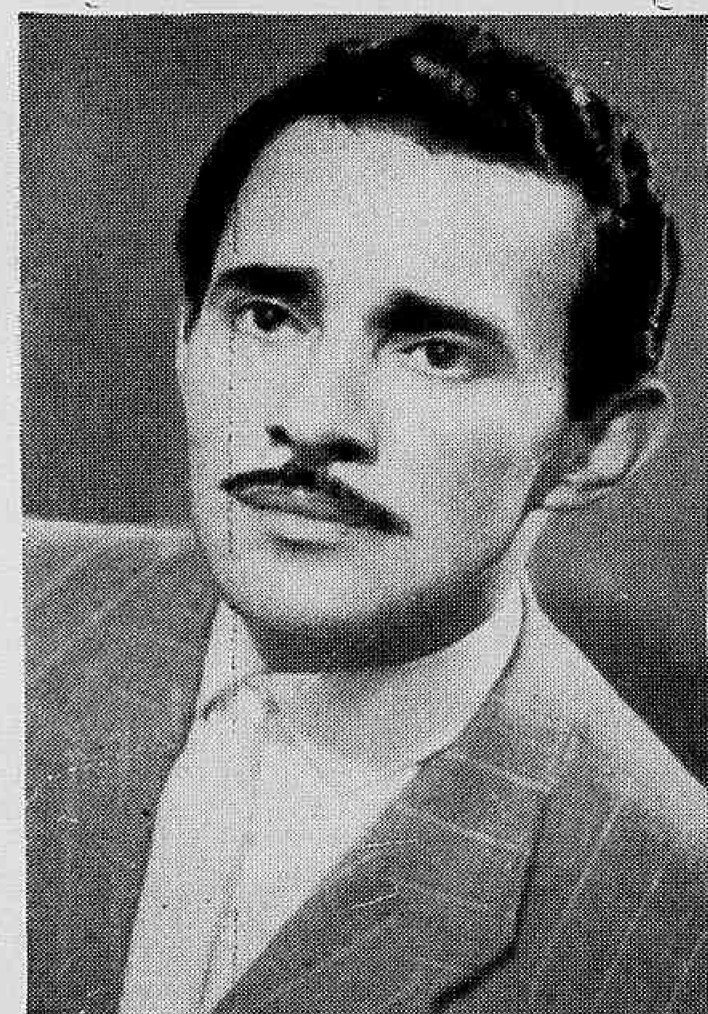
COMO APRENDER A DANÇAR

4ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 64? — São Paulo.

A venda também nas Livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.



Sem ser dos mais antigos elementos do "broadcasting" carioca, Marques da Silva — o poeta capixaba, como êle gosta de ser chamado — é uma das mais destacadas figuras do rádio guanabarino, mercê de sua conduta como dirigente da "Hora Sertaneja", o cartaz de maior audiência da Rádio Tamoio. O festejado cantor, animador, declamador e produtor também está participando com geral agrado em diversos programas de teatro cego da "emissora da família brasileira", onde cria papéis característicos.



Marlene dentro do cenário de «Depois do Casamento» troca impressões sôbre o êxito de «Quebra-Mar», com o compositor que se revelou em 1952, Adelino Moreira, autor da bela marcha para o Carnaval de 1953

Nelson Gonçalves revelou um novo compositor:

ADELINO MOREIRA
ESTREOU COM O PÉ DIREITO

Rep. de JORGE MARTINS ★ Fotos de ALEXANDRE MIRANDA

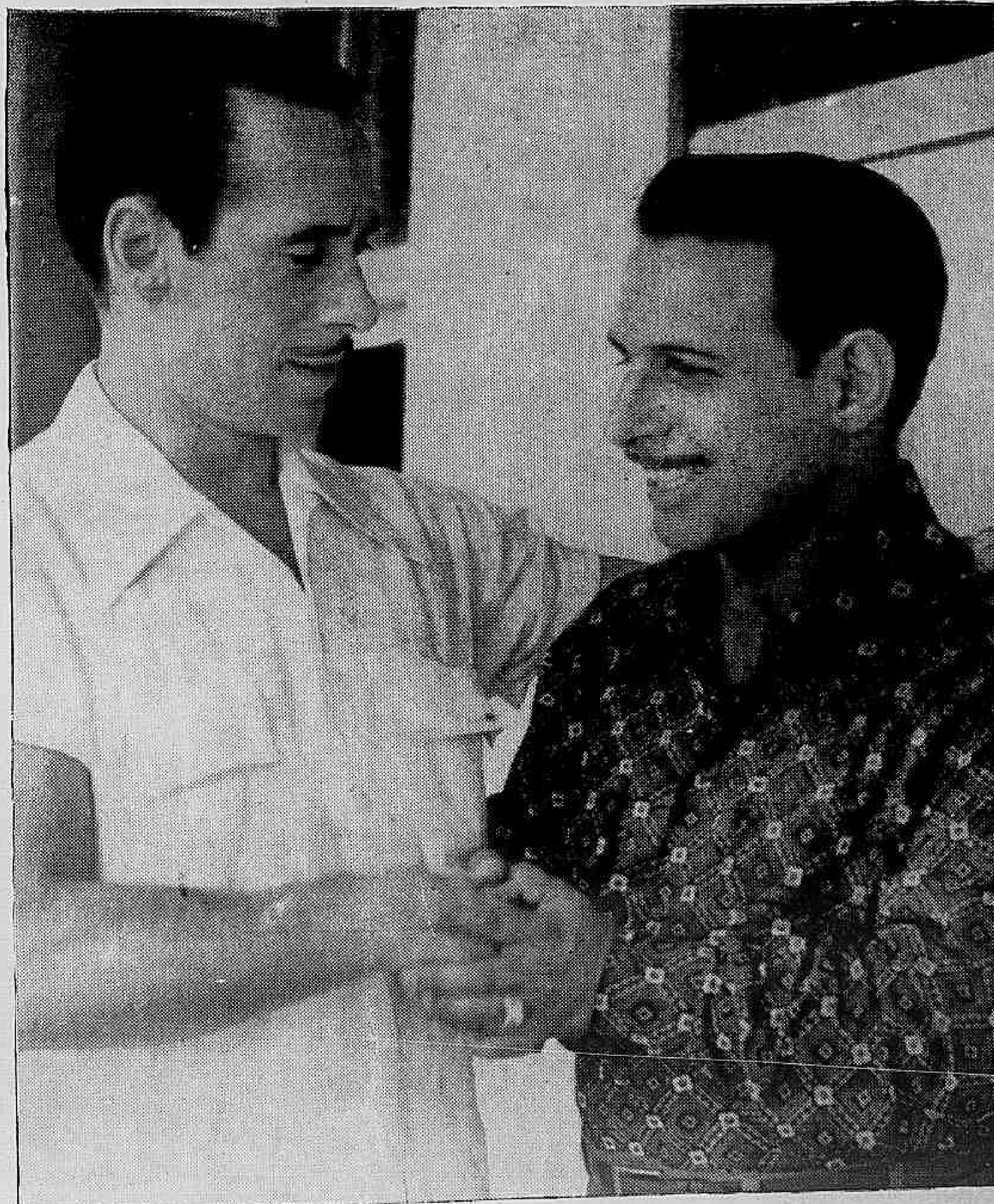
Novos compositores surgem todos os dias. Alguns se consagram com uma melodia, e depois desaparecem do cartaz, outros continuam produzindo novas canções e desafiam o tempo na corrida musical, enquanto que há também os que têm trabalhos para fazer sucesso mas que nunca conseguiram uma oportunidade para aparecer.

Na roda do sucesso todos aguardam a sua vez. Isto também aconteceu com Adelino Moreira. Os amigos conheciam as suas belas canções, cantadas nos bailes dos clubes do subúrbio, mas para que elas se tornassem populares era preciso que fôssem gravadas por algum cantor de fama.

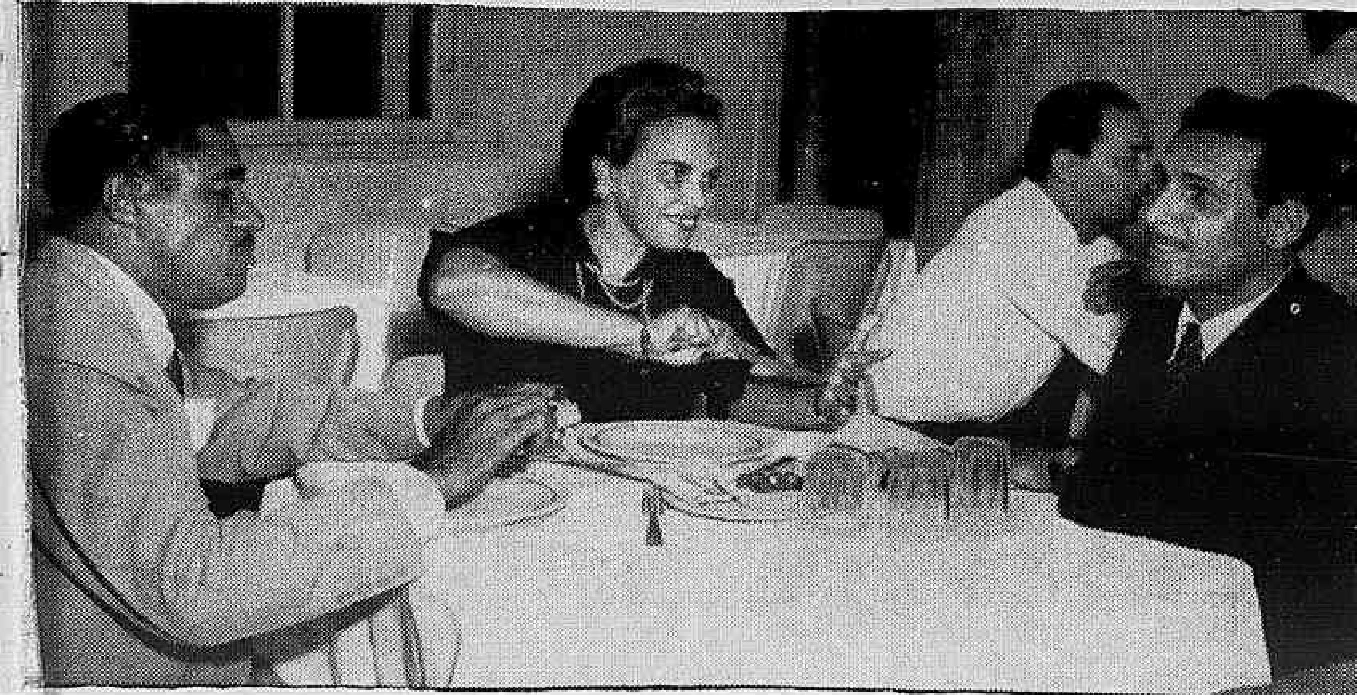
A oportunidade surgiu em meados do ano passado, quando Nelson Gonçalves dispôs-se a escutar o disco de prova de "A última seresta". Gostou da música e do verso, e decidiu gravá-lo na Vitor. Era a chance que só contempla um entre mil.

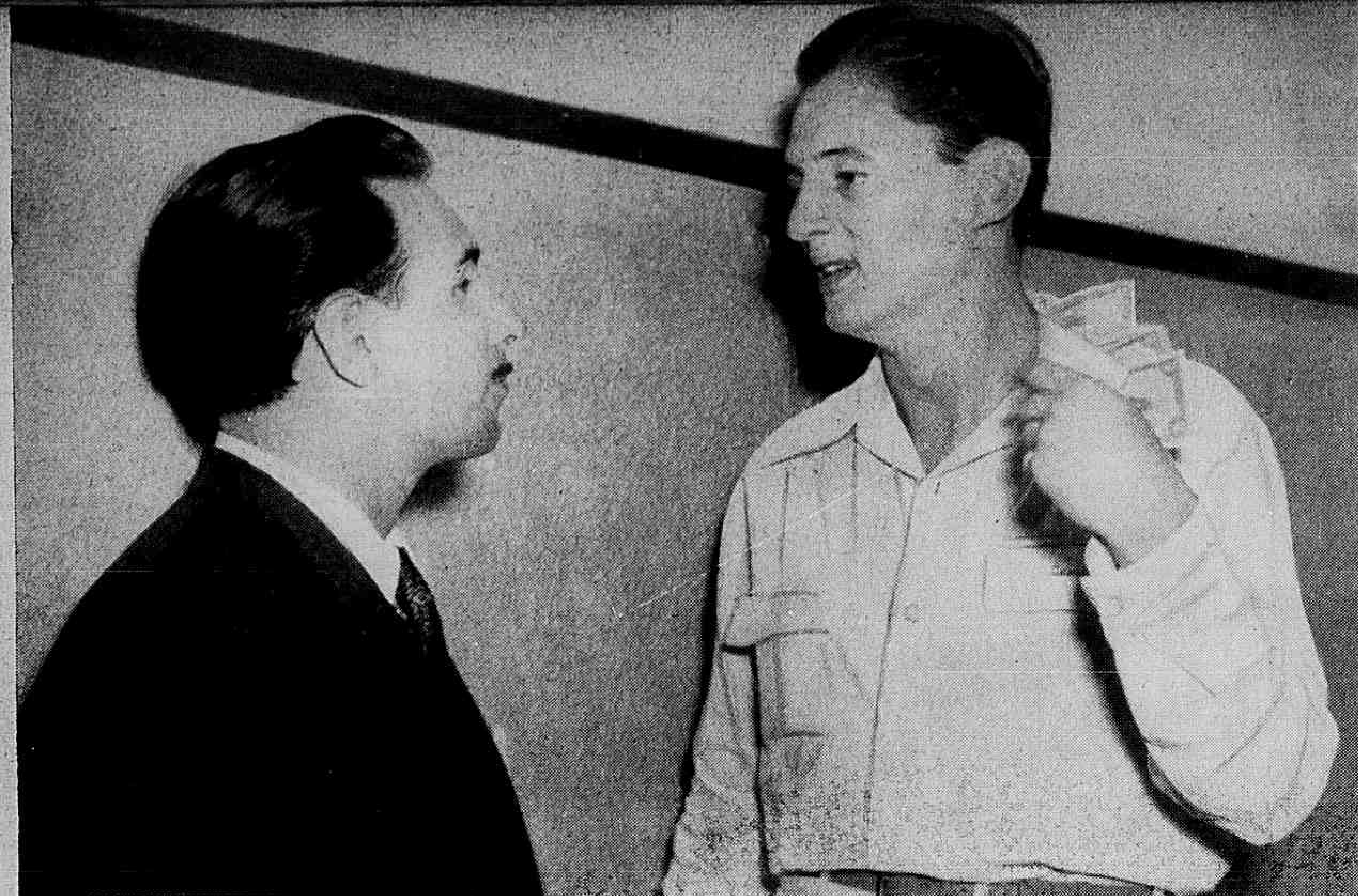
Adelino Moreira decidiu não perder a vez, a porta estava aberta. Nelson Gonçalves mostrara-lhe o caminho e êle resolveu percorrê-lo com o seu pos-

Adelino agradece a Nelson Gonçalves a grande oportunidade que lhe proporcionou gravando o seu primeiro disco: «Última Seresta», e prestigiou o trabalho do novel compositor levando a cêra para o tríduo de Momo: «Madrilena» e «Marcha do Trouxa»



Zé e Zilda, a dupla famosa, foi que gravou mais músicas de Adelino Moreira para o Carnaval, numa prova de agrado das composições do autor de «Última Seresta»





Adelino Moreira pergunta a César de Alencar: «Pra que trouxa quer dinheiro». E o César, com o dinheiro na mão, retruca «com esta marcha vou ganhar muita grana». Não é bôbo, não.

Lourival Reis, compositor e gravador da Continental, parceiro de Adelino em «Vem meu amor» dá o sinal ao seu colega para gravar no disco de prova a música que foi interpretada por Orlando Correa



sante "Cadillac", porque tem uma dezena de belas melodias para lançar.

O Carnaval não restam dúvidas é a ocasião do ano em que mais se canta e por isto mesmo um samba ou uma marcha consagrada nos folguedos de Momo pode elevar definitivamente o seu autor.

O motivo desta reportagem sôbre um compositor prende-se justamente a maneira pela qual êle estreiou no grande páreo onde concorrem milhares de músicas e das quais apenas uma dezena cai na simpatia do público. Os júris com tôdas as suas decisões não podem se sobrepor a vontade do maior juiz que é o povo.

Foi por isto que Adelino Moreira resolveu fazer uma autêntica 'blitzkrieg". Lançou quase uma dezena de suas produções, conseguiu gravá-las com os mais renomados astros do microfone.

Ai é que está o valor de um compositor, conseguir logo de saída gravar para o Carnaval de 53 oito melodias através as vozes de destacados cantores e conjuntos.

Vejam só quem levou para a cêra as músicas de Adelino Moreira, e se o fizeram é porque acharam que as suas composições poderiam fazer sucesso nos seus repertórios. Marlene, Nelson Gonçalves, Zé e Zilda, Araci de Almeida, Trio de Ouro, César de Alencar e Orlando Correia. Um verdadeiro scratch musical.

A história começou quando Nelson Gonçalves satisfeito com o sucesso de "Última Seresta" resolveu gravar outra composição, mas para o Carnaval; a marcha "Madrilenha".

Depois Adelino levou ao Zé da Zilda um mambo intitulado "Nego da Calça Amarela". O Zé viu tudo, deu uns ligeiros retoques e gravou com a Zilda esta música que a cidade inteira está cantando. Um autêntico sucesso. Aliás se o compositor que estamos focalizando não tivesse composto outra melodia, bastava o "Nego da Calça Amarela" para consagrá-lo definitivamente. Zé e Zilda ainda gravaram de Adelino a marcha "Parafuso", que já deu panos para manga na censura, tendo que sofrer uma pequena alteração que aliás melhorou a letra, assim como o samba "Cançado".

Adelino tinha uma marcha que não se prestava para o repertório da dupla: "Quebra-Mar". O Zé escutou a música e disse logo isto é feito como uma luva para Marlene. Dito e feito. A notável cantora da Nacional gostou, gravou, e a marcha caiu no goto dos carnavalescos.

Em seguida de parceria com Lourival Reis compôs um samba-canção com endereço certo: Araci de Almeida. A veterana cantora não teve dúvidas em entoar com a sua voz: "Saudade Resto de Amor".

Adelino Moreira tinha em mente lançar no Carnaval uma marcha intitulada "Marcha do Bôbo". Trocou idéias com Nelson Gonçalves, êste deu sua contribuição, mas achou que em matéria de Carnaval era preciso ouvir o Herivelto Martins. Os três se reuniram no apartamento de César de Alencar. Herivelto fêz a segunda parte, e rebatizou a marcha que ficou sendo a "Marcha do Trouxa", gravada em seguida pelo Trio de Ouro, Nelson Gonçalves e César de Alencar.

Finalmente Adelino Moreira juntamente com Lourival Reis ainda compôs "Vem Meu Amor" entregue a um novato, Orlando Correia, que não soube aproveitar esta oportunidade para reaparecer e fazer repertório.

Eis porque focalizamos nesta reportagem Adelino Moreira, um compositor que estreou com o pé direito.

Araci de Almeida confraterniza-se com o autor do samba-canção que ela gravou para a folia: «Saudade, resto de amor»





Denise Faissal, a mais jovem das rádio-atrizes, procede a entrega ao Presidente da República do microfone de ouro em miniatura como reconhecimento da classe dos radialistas do muito que tem feito pela classe dos trabalhadores do sem-fio

O PRESIDENTE FESTEJOU O ANO NOVO COM OS RADIALISTAS

UMA CARAVANA DE ASTROS E ESTRÊLAS DO RÁDIO PRESTOU SIGNIFICATIVA HOMENAGEM AO CHEFE DO GOVÊRNO — SAUDADO O SR. GETÚLIO VARGAS PELO PRESDTE. DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE RÁDIO

Texto de *Milton Salles*

O presidente Getúlio Vargas sempre se mostrou amigo dos artistas de tôdas as artes. Para comprovar a amizade do chefe do Govêrno pelos que empregam suas atividades nos diversos setores artísticos — cinema, rádio e teatro — aí estão diversas leis (algumas das quais levam o seu nome) de amparo a essa classe de trabalhadores. Por isso, para demonstrar que a sua admiração por essa gente boa não fica circunscrita a burocráticos decretos, o primeiro magistrado da Nação, sempre que se lhe oferece uma oportunidade, entra em contato direto com os artistas.

Ainda no primeiro ano do atual período presidencial, o sr. Getúlio Vargas, sem qualquer protocolo, assistiu, na noite de 31 de dezembro, uma das revistas encenadas por Walter Pinto, no teatro Recreio, fazendo questão, findo o espetáculo, de ir aos camarins cumprimentar todos os artistas que tomaram parte na função Dias depois, durante o seu veraneio em Petrópolis, recebeu êle uma comissão de elementos do teatro, ocasião em que fêz questão de estar a par de tôdas as aspirações da classe teatral, prometendo o maior apoio do seu govêrno à resolução dos problemas que angustiavam o nosso teatro.

Dias mais tarde, por ocasião da eleição dos melhores do rádio, êle recebeu, no Palácio do Catete, uma comitiva de radialistas, cumprimentando, um a um, os que tinham sido vencedores num certame patrocinado por



O sr. Getúlio Vargas diverte-se com as evoluções da Escola de Samba da Rádio Nacional que acompanhava o Trio de Ouro. Podemos ver na foto, da esquerda para a direita, Ciro Monteiro, o Vice-Presidente Café Filho, o Presidente da República, coronel Dulcídio Cardoso, prefeito do Distrito Federal, Ismênia dos Santos e Waldemar Galvão. No primeiro plano Saint Clair Lopes



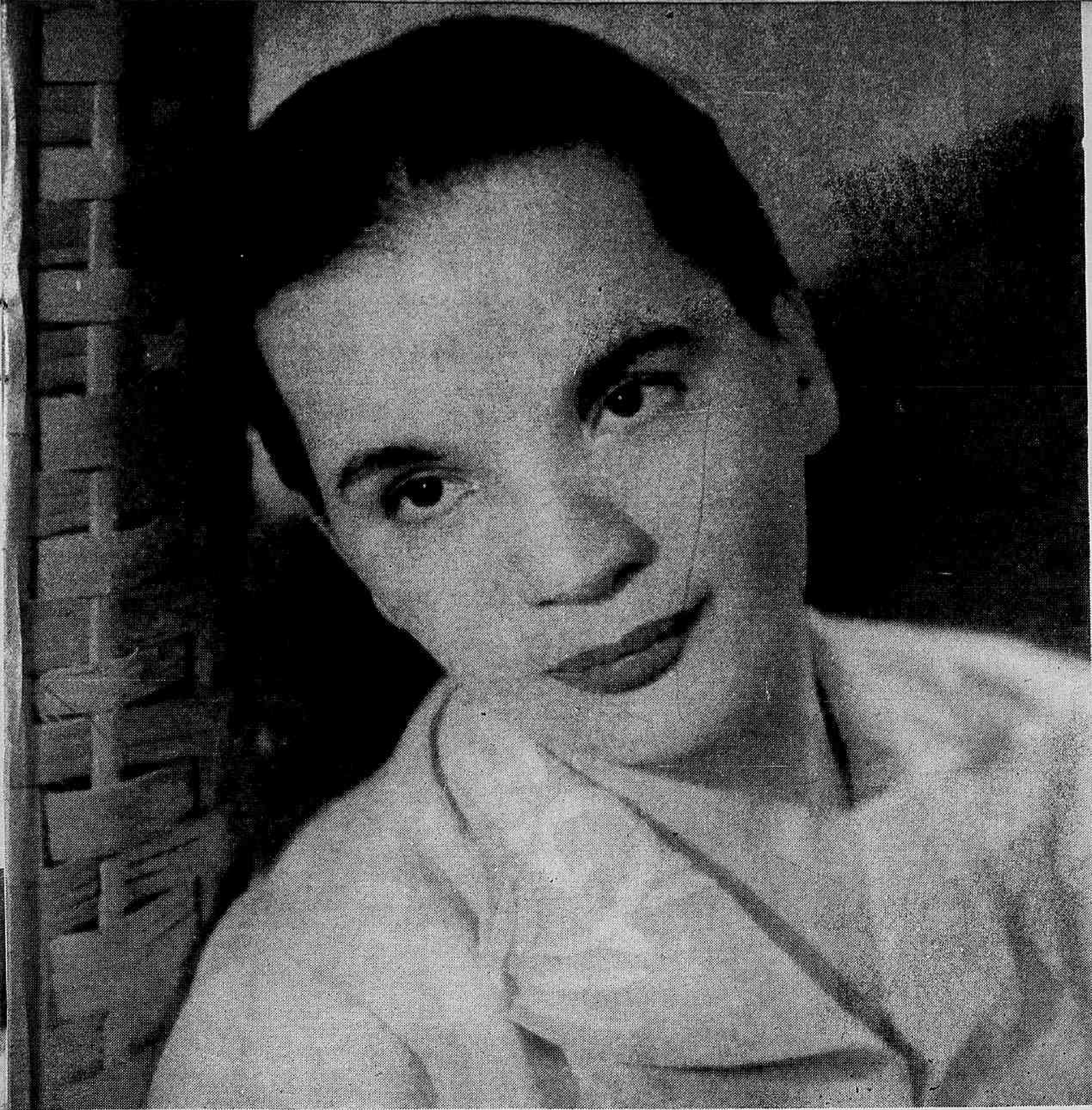
uma publicação desta capital. Nesta oportunidade, o sr. Getúlio Vargas mostrou-se interessado em ouvir, de Manuel Barcelos, dinâmico presidente da Associação Brasileira de Rádio, os anseios dos trabalhadores do microfone, assegurando-lhes que incentivaria tôdas as campanhas em benefício da laboriosa classe, como de fato aconteceu posteriormente, com os auxílios oficiais que foram dados à A.B.R. Assim, os radialistas contraíram uma dívida com s. excia.

Agora, na noite de 31 de dezembro para 1.º de janeiro, os radialistas foram à presença do Chefe do Govêrno, saldar a dívida que haviam contraído há um ano. Chefiados por Manuel Barcelos, diversos elementos do **broadcasting** guanabarino, como cantores, rádio-atores e músicos, além de locutores, foram cumprimentar s. excia. pela passagem do Ano Novo, ao mesmo tempo em que improvisaram interessante hora de arte para o grande amigo do rádio brasileiro. Findo o "show" improvisado (que contou com a participação de Linda Batista, Araci de Almeida, Rui Rei e outros cartazes da Nacional), a menina Denise Faissal, filha de Floriano Faissal, fêz entrega ao Presidente da República de uma interessante lembrança dos radialistas cariocas. S. excia., sempre jovial e "blaguer", mostrou-se satisfeito com a homenagem e disse que era fã de todos êles, prometendo, na primeira oportunidade, pedir-lhes um retrato autografado.

Outro ângulo da festa de 31 de dezembro, vendo-se em 1º plano, Manuel Marcelos e sua sra., o locutor Waldemar Galvão



Aqui os papéis se invertem. São os artistas que pedem autógrafos ao sr. Getúlio Vargas. Eis o Presidente da República quando assinava os cartões de Denise Faissal e Ismênia dos Santos, enquanto Ciro Monteiro, aguardava a vez de pedir o seu autógrafo



Araci de Almeida parece que não se deu bem com os ares do 22º andar da Rádio Nacional, e quer voltar à Taba

ARACI DE ALMEIDA QUER MUDAR DE ARES

NÃO ESTARIA SATISFEITA NA RÁDIO NACIONAL — FALA-SE NO SEU RETÔRNO À RÁDIO TUPI — O QUE HÁ DE VERDADE EM TÔRNO DO ASSUNTO

Texto de *Jorge Corrêa*

Mal começou o ano, mal as emissoras anunciaram seus planos para 53, uma notícia sacudiu o rádio guanabarino, fazendo esquecer, embora por momentos, essa agitação que antecede o reinado de Momo: Araci de Almeida estaria propensa a retornar à Rádio Tupi!

QUASE UM DECÊNIO DE G-3

Como sabem os que acompanham o movimento radiofônico, aquela que mereceu o justo cognome de "o samba em pessoa", em face de interpretar o nosso delicioso ritmo com um estilo personalíssimo, foi, quase um decênio, uma das grandes estrêlas do "Cacique do Ar". Ali, na G-3, gozando da simpatia de todos (ela tem um jeitinho especial de fazer amigos), Araci de Almeida colheu grandes triunfos na música popular brasileira, sendo apontada com inteira justiça, como a primeira cantora no seu gênero. Um dia, após a saída de Almirante, a grande intérprete das músicas de Noel Rosa sentiu-se, a contra-gôsto no prefixo em que brilhara durante tanto tempo. Assim, resolveu aceitar a proposta que lhe fizera a Rádio Nacional para subir ao 21.º andar do edifício de "A Noite".

NA E-8 E NA MAYRINK

Gozando de excelente prestígio no meio radiofônico, ràpidamente Araci de Almeida criou um aura de simpatia em tôrno do seu nome, na E-7. E, pouco depois, por fôrça de um convênio existente entre a emissora da Praça Mauá e a Rádio Mayrink, a querida sambista passou a abrilhantar algumas das principais audições da PRA-9. Quando completou vinte anos de rádio, ela foi alvo de inesquecível homenagem no auditório da Nacional, durante a transmissão do "Programa Manuel Barcelos". Tudo indicava, pois, que a popular vocalista estivesse plenamente satisfeita em seu novo prefixo. Tal, porém, não acontecia, a julgar-se pelas declarações de alguns dos seus amigos mais chegados.

VOLTARIA A RÁDIO TUPI

Alguns dêsses amigos (que insistiram para que não declinássemos os seus nomes) asseveraram-nos que a criadora de "Último desejo" não se sente à vontade na estação de Vitor Costa, razão por que estaria propensa a solicitar a rescisão de seu contrato para retornar à Rádio Tupi. Entretanto — esclareceram os amigos da estrêla — ela só deixou transparecer isso uma única vez, durante uma palestra numa de nossas "boites". A notícia, como se infere, é de grande interêsse e parece ter algum fundamento, pois, perguntado a respeito do retôrno de Araci de Almeida ao "Cacique", um dos dirigentes da Tupi mostrou-se reservado e desconversou. Como vemos, estamos diante de uma transferência deveras sensacional nos primeiros dias de 1953.

Clube de Correspondência

Intercâmbio Cultural, Sentimental e Social

Se V. deseja fazer Amizades, ou conhecer pessoas do sexo oposto com propósito Sentimental ou Cultural, podemos ajudar-lhe.

Temos listas com centenas de descrições e fotos, de pessoas sinceras e de ótima aparência, de tôdas posições sociais, religiões e graus de cultura, que desejam corresponder-se.

Atenção especial à cada associado e máximo segrêdo.

Escreva-nos hoje. Mencione o seu endereço a esta revista e receberá GRATIS um folheto informativo.

Clube de Correspondência — Caixa Postal 2632 — S. Paulo

(Nossos envelopes não têm timbre)

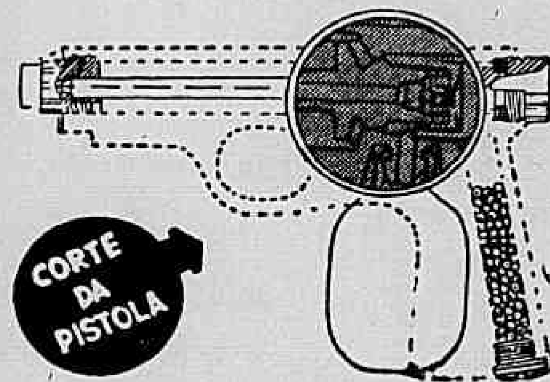
PISTOLA "PNEUMA-TIR"

Patenteada em todos os países

PISTOLA METRALHADORA!

Atira 500 balins sem necessidade de carregar!

Ar comprimido por novo processo!



Permite o tiro ao alvo no interior de sua residência. Alcance regulável para 10, 20 e 30 metros. A pistola mais perfeita que se construiu no gênero. Não tem peças móveis, nem molas. Garantia contra qualquer defeito. Fabricada em várias côres.

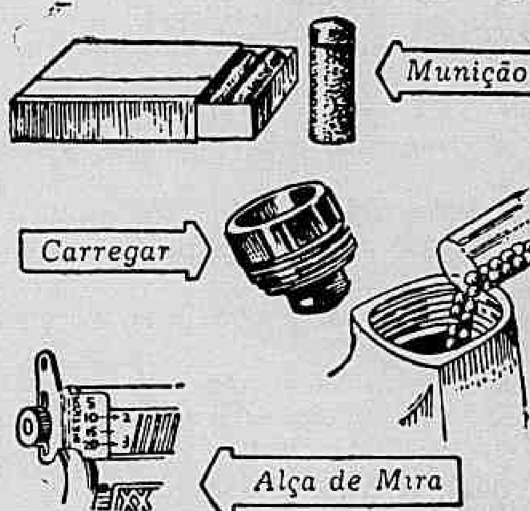


FABRICADA POR

Alfredo Ellis & Cia. Ltda.

RUA URUGUAIANA, 104

RIO DE JANEIRO
TEL.: 52-9966



Estojo contendo uma pistola, um desentupidor, uma alça de mira, 2.000 balins com duas membranas sobressalentes:

Cr$ 250,00 pelo reembôlso postal

Caixa de munição com 2.000 balins, c/2 membranas sobressalentes: Cr$ 15,00

Peço-lhes enviar-me pelo Serviço de REEMBOLSO POSTAL sem aumento de despesa, a PISTOLA «PNEUMA-TIR», conforme indicação abaixo:

Nome ....

Endereço ....

Cidade ....

Estado ....

Para Você Cantar

TÁ NA CARA

Marcha de Wilson Batista, Roberto Roberti e Arlindo Marques Júnior. Gravação de Déo.

Olha! "Tá na cara!"
O corpo da mulata é coisa rara!
Ela é mais bela
Do que a nossa Guanabara!

Fico cego com a malicia de seus
[olhos
Fico mudo quando escuto a sua
[voz !
Sou tarado pela mulata
"Tá na cara e está pra nós, nós,
[nós...

★

FESTA ESPANHOLA

Marcha de Haroldo Lobo e Milton de Oliveira. Gravação de Carlos Augusto.

Na festa espanhola
Tocando castanhola
Rosita dançando chegou
Joguei no chão meu sombrero
E Rosita
No meu sombrero dançou

Sonho, que sonho que é Madri
De noite florida de festas
E lindas canções eu ouvi
E as lindas "madrileñas" são
Como as morenas daqui.

★

PARAFUSO

Marcha de Adelino Moreira e José Gonçalves.

I
Parece um para-para-para-para-
[fuso
Sambando dentro do salão
Parece um para-para-para-para-
[fuso
Quando ela ginga com o pandeiro
[na mão.
II
Me empresta Yaya, seu instru-
[mento
Ah, eu não agüento
Também quero tocar
Se fôr questão de dinheiro
Eu pago, pago, pago pra tocar
[nesse pandeiro.

★

MINHA CASA É MEU CHAPÉU

Samba de Geraldo Queiroz e Henrique Leon. Gravação de "Os Copacabana".

Minha casa é meu chapéu
E' o lar que Deus me deu
Você tem um apalacete pra morar
E não é mais feliz do que eu
Tenho felicidade de fato
Minha casa é meu chapéu, ai, ai...
E o assoalho é meu sapato...

MARCHA DO BINGO

Marcha de Aladim Wanderley, Wilson Reis e Jair Silva. Gravação dos "Garotos da Lua".

Eu com êste jôgo me acabo
E' bingo em pé
Bingo deitado
E' bingo em cruz
E' bingo pesado!...
Não quero saber mais do batente
Bingando tôda noite vivo con-
[tente.

Bingo no Bola
No High-Life eu bingo
Bingo no Leme, no Grajaú
Dêsse jeito me acabo
Vou terminar bingando no Caju.

★

QUEBRA MAR

Marcha de Adelino Moreira e José Gonçalves.

I
Na Barra da Tijuca
Eu fui tarrafear
Veio uma onda maluca
Me jogou no quebra-mar
Um velho tubarão
Queria me agarrar
Veio uma onda maluca
Me jogou no quebra-mar.
II
Ei, quebra-mar
Ei, ei, ei, quebra-mar.

★

AGORA É TARDE

Samba de Nelson do Cavaquinho e José Alcides, gravado pelos "Trigêmeos Vocalistas".

Quem é você
Pra dizer que manda no meu lar,
Agora é tarde
Outro amor ocupa o seu lugar.
O fracasso lhe obriga a voltar.
Sinto muito mas não posso per-
[doar.

★

BARRACO DE TÁBUA

Samba de Vitor Simon e Herivelto Martins, gravado pelo "Trio de Ouro".

No meu barraco de tábua,
Que quando chove entra água,
A poesia se acabou, ô ô ô.
Salgueiro, tu vais perder teu
[companheiro.

O morro era presente de Deus.
Vivia no abandono.
Agora morro tem dono
Adeus, Salgueiro adeus.

Desço a ladeira chorando,
Sem ter a quem reclamar.
Se o morro é um presente do céu,
Deus não tem impôsto a cobrar,
— Em vez de barracos destruí-
[dos,
Roupa nova
Para os morros mal vestidos.

BEBER FAZ BEM

Samba de Francisco Alves e J. Roy — gravado por João Dias.

Beber faz bem,
Faz bem
A quem sofre por alguém.
E' na bebida
Que sufoco a minha dor.
Por isso eu bebo
Para esquecer um grande amor.

Todos vivem a dizer:
Porque bebes tanto assim rapaz?
Eu procuro esquecer
A quem tanto mal me faz.

★

CADA UM DÁ O QUE TEM

Marcha de Felisberto Martins e J. Piedade — Gravação de Afrânio Rodrigues.

Assim não me convém,
Cada um dá o que tem.
Assim não me convém,
Cada um dá o que tem.
Eu dou o meu carinho,
Eu dou o que quiser.
Eu dou até dinheiro.
Só não dou essa mulher

Quem dá muito fica sem nada.
Eu sempre dei mas sem olhar a
[quem.
E todos dizem que qualquer dia,
Nesse passo, você fica sem vin-
[tém,

★

CANSADO

Samba de Adelino Moreira, J. Reis e José Gonçalves.

I
Cansei de pedir
Cheguei a implorar
Os meus olhos ficaram
Bastante cansados
De tanto chorar.
II
Seu arrependimento
Não vai me convencer
Pois eu cansei de pedir
Cansei de implorar
Não quis me atender.

★

QUEM TEM UM AMOR

Marcha de Gadé e Gomes Filho, gravada por Odete Amaral.

Só quem teve um amor
Sabe sentir saudade.
Só quem teve um amor
Sabe implorar carinho.
Só quem teve um amor
E viu rolar seu ninho
E que a vida é tão boa
Quando alguém nos quer bem

Deixa-me fitar
Assim o teu olhar,
Assim nos teus braços, meu
[amor,
Deixa-te prender assim nesta
[ilusão
Assim que é só meu teu coração.
Ai ! Senhora sensação
Eu também vou sorrir.

RICO VAI NA CHUVA

Batucada de Black-out, gravada por êle mesmo.

Rico vai na chuva,
Tem roupa pra mudar
Mas o pobre tem que esperar
O toró passar.
Pobre quando quer amar
Antes tem que ver
Se o tempo está legal,
Ou se vai chover.
Quem tem uma roupa só
Não pode molhar.
Eu só vejo o meu amor
Quando faz luar.

★

SE VOCÊ VOLTAR

Samba de José Roy e Newton Teixeira, gravado por Isaurinha Garcia.

Se você voltar
Tudo, tudo perdoarei.
Só assim voltarei a ser feliz.
Já chega o pranto que derramei.
Ai...
Não posso mais viver assim,
Só Deus sabe a minha dor
Ai...
Meu sofrimento não tem fim,
Volta por Deus, meu grande
[amor.

★

SEU BIGODE

Marcha de Bucy Moreira, Arnô Canegal e Raul Carazato, gravada pelos "Trigêmios Vocalistas.

O seu Bigode passa bem,
Tem sempre boa freguesia
Sòmente porque é
Solteiro e sem mulher
E dono de confeitaria.

A vizinha,
Com razão,
Diz que êle
E' um sultão.
Êle goza
Boa fama.
E é "torcida"
Do Vasco da Gama.

★

MORENA PECADO

Marcha de Pereira Matos e Mário Rossi, gravada por Orlando Silva.

Quem diz que a tua côr não pega
Não sabe o que é o amor.
Quem ama como te amo
Sabe que o pecado
Tem a tua côr.
Não há mulher
Que tenha tanta beleza,
Não há mulher
Com tanta fascinação.
Em qualquer terreno
A morena de raça
Merece a consagração.

★

BARNABÉ

Samba de Ubirajara Mendes, gravado por Virginia Lane.

Eu também fui Barnabé, "le-
[tra E"
Só trabalhar pra comer
Eu também já fui e sei como é
Um osso da gente roer !

Barnabé não tem nada
Ao rapaz, nada cabe
Barnabé só tem qualquer coisa,
Qualquer coisinha...
Enquanto Deus não sabe !

CLOVIS — Vamos levá-la conosco?
TEÓFILO — Claro!... mas precisamos acordá-la primeiro e ver quem é. Talvez conheçamos os seus pais. (Chamando docemente) — Menina... Menina... acorde...
MARIA (Acordando) — Ahn... ahn... (Pensa que ainda sonha) — Ela não quis me dar água não, Glorinha...
TEÓFILO — Hein?
CLOVIS (Sorriso) — Deve estar sonhando, papai...
TEÓFILO (Sorri — Chama) — Menina... menina...
MARIA (Acorda) — Hein?... Que é? (Surprêsa) — Quem é o senhor?... e o senhor?

TEÓFILO (Bondosamente) — Nós é que queremos fazer-lhe esta pergunta, menina. Quem é você... e que está fazendo aqui?
MARIA — Eu? (Indecisa) — Eu... Eu estava com fome, sabe?... Subi naquela árvore para apanhar umas ameixas... depois... depois eu fiquei com sono... (Tosse).
TEÓFILO — ... e se resfriou, hein?... Deus queira que não tenha apanhado uma pneumonia... dormir nesta friagem... E daí?
MARIA — Daí... acho que é só. Eu peguei no sono...
TEÓFILO — Ah. Não tem mais nada, a dizer...
CLOVIS — Como se chama?
MARIA — Eu? (Indecisa) — Se eu disser... o senhor não conta a ninguém?

CLOVIS (Fingindo seriedade) — Não! Claro que não!... Somos especialistas em guardar segredos!... Não é, papai?
MARIA — Ah, o senhor é pai dêle?
TEÓFILO — E êle é meu filho!
MARIA (Sorri) —
TEÓFILO — Então?... Como é o seu nome?
MARIA — Maria. Maria Angélica.
TEÓFILO — Pois eu me chamo Teófilo. E êle, Clovis.
MARIA — Muito prazer... sr. Teófilo... e sr. Clovis...
CLOVIS (Sorri) — Senhor Clovis?... Viu só, papai?
TEÓFILO — E'... tomou você por pessoa muito importante...
CLOVIS (Teatral) — E realmente o sou, menina. Sou o filho único do sr. Teófilo dos Santos, estudante de medicina e candidato a ganhar um carro novo!... (Natural) — — Mas não precisa me chamar de senhor.
MARIA (Feliz) — Está bem. Você é muito bonzinho, Clovis. E o senhor também...

TEÓFILO — Obrigado. Bem, mas não vamos ficar aqui tôda a vida. Temos que chegar em casa antes do anoitecer.
MARIA (Medinho) — Vão me deixar aqui sòzinha?
TEÓFILO (Disposto a levar) — Bem... não sei... Que acha Clovis?
CLOVIS — Acho que devemos levar, não é, papai?
TEÓFILO — E'... já que você quer...
MARIA (Feliz) — Obrigada...
TEÓFILO — Vamos, menina. Suba. (Fôrça) — Pesadinha, hein? Tome as rédeas, Clovis. Guie um pouco.
CLOVIS (Assobio) — Eia! Eia!

RÁDIO NOVELA

de JOSÉ FERNANDES

AS ROSAS de MARIA ANGÉLICA

CAPÍTULO XX

Depois de uma noite horrível de frio, sêde e pesadelos, Maria Angélica conseguiu fugir de sua prisão, auxiliada pela bondosa Senhora que lhe seguia os passos. A menina sentiu muito ter que abandonar a casa paterna, os seus entes queridos, mas a perspectiva de novos padecimentos a fêz tomar essa decisão. Despediu-se de Glorinha e saiu de casa, tomando um rumo qualquer. Na manhã do dia seguinte, padre Luís foi levar a d. Malvina a notícia de que Mendes havia partido em busca de colocação, e teve a surprêsa de saber que a perversa prendera Maria Angélica num dos cômodos da casa. Foi a velha Raimunda quem lhe fêz essa revelação...

....

MALVINA — Não acredite nesta velha não, padre Luís... ela só sabe dizer mentiras!
PADRE LUÍS (Imperioso) — D. Malvina, insisto no que acabo de lhe dizer: como sacerdote e padrinho de Maria Angélica, exijo que aquela porta seja aberta imediatamente!
RAIMUNDA — Isso mesmo, seu vigário... isso mesmo. A coitadinha deve estar lá morrendo de frio!
MALVINA — Eu não sei como é que o senhor pode dar crédito às mentiras desta faladeira!... E' um absurdo, padre Luís... um absurdo!
PADRE LUÍS — Tenha a bondade de abrir a porta, d. Malvina.
RAIMUNDA — Pois o senhor vai ver se é mentira minha, seu vigário. O senhor vai ver!
MALVINA (Desvia) — Ora... estou em minha casa e ninguém tem nada que ver com os meus atos!
PADRE LUÍS (Vitorioso) — Ah, está melhorando!... Quer dizer que a senhora já admite que a menina está prêsa na despensa!
RAIMUNDA — Está mesmo, seu vigário... nem há dúvida!
MALVINA — (Pausinha — Raiva) — Pois bem. Está. E daí?... O senhor não venha me dizer que vai me obrigar a tirá-la de lá!
PADRE LUÍS — D. Malvina, vou lhe ser franco. Se a senhora não abrir aquela porta *agora*, eu tomarei enérgicas providências!
MALVINA — E' minha filha, padre Luís. Posso educá-la como quiser.

PADRE LUÍS — E' sua filha, mas é também minha afilhada... e eu tenho direitos sôbre ela. E não permito que a castigue dessa maneira. Que foi que a menina fêz?

RAIMUNDA — Não fêz nada não, seu vigário. Aquela menina é incapaz de um mal feito!

PADRE LUÍS (Pausa) — Então, d. Malvina?... Estou esperando...

MALVINA (Um muxoxo de pouco caso) —

PADRE LUÍS (Pausinha) — Raimunda... tenha a bondade de ir chamar um oficial de justiça.

RAIMUNDA — Sim senhor.

....

MALVINA (Impessoal) — Não precisa não, seá Raimunda.

RAIMUNDA (3º plano) — Não?

MALVINA — Eu vou abrir a porta.

....

MALVINA — E' aqui, padre Luís.

PADRE LUÍS — Tenha a bondade de abrir.

....

MALVINA — Pode vir, Maria Angélica.

RAIMUNDA (Indo) — Menina... onde está você? (Pausa — 3º plano) — Oh d. Malvina... ela não está aqui não!

MALVINA — Hein?

PADRE LUÍS — Como?

RAIMUNDA — Não está não, seu vigário. Será que ela fugiu?

MALVINA (Preocupada) — Não é possível... ninguém mais tem chave desta porta!... E aqui não há janelas...

PADRE LUÍS — Então? a menina não estava aqui?

MALVINA — Estava... tenho certeza. Fui eu quem a fechou ontem. Tranquei a porta e escondi a chave!

PADRE LUÍS — Como se explica isso então?

RAIMUNDA — Que será que aconteceu, meu Deus?

MALVINA — Não sei... não posso compreender... Ela não podia ter aberto esta porta!

PADRE LUÍS (Grave) — D. Malvina... seja o que fôr que tenha acontecido à Maria Angélica, a senhora é a responsável.

....

No entanto, àquela hora, não muito distante dali, Maria Angélica despertava em meio à sinfonia da floresta...

....

MARIA (Desperta — Boceja) — Ah... acho que dormi um pouco... (Viu o dia) — Ih... o sol já vai alto! Dormi mas foi muito! (Bocejo) — Onde será que eu estou?... E aquela estrada? (Viu) Ah, está ali. Pensei que tivesse me perdido na mata... O pior é que agora eu não sei qual a direção que devo tomar. Para lá?... ou para cá? (Tristinha) — Eu devia ter marcado. Mas eu estava com muito sono... e esqueci. (Dilema) — Se eu fôr para lá... não sei onde chegarei. E se tomar aquela direção... talvez volte para casa. E isso eu não quero. Êles não gostam de mim... e mamãe vai me castigar mais... (Desalento) — E'... não sei o que fazer. Acho que estou com fome. Estou sentindo uma coisa esquisita aqui... Eu devia ter trazido alguma coisa para comer. (Tosse) — Aquela friagem me fêz mal... E agora eu não posso adoecer. (Tosse) — E'... se continuas assim... (Lembra-se) — E lá em casa?... Que estará acontecendo?... Já devem ter dado pela minha falta. Coitadinha da Glorinha... ficou chorando... E o papai? Será que já voltou?... (Brejeira) — Eu só queria ver a cara da mamãe... quando abriu a porta e... Não! A porta ficou aberta... aquela Senhora abriu para mim... (Dilema) — Mas a mamãe disse que ia esconder a chave... Não posso compreender. (Tosse) — Não estou gostando nada dessa tosse. Eu devia ter trazido um agasalho... está fazendo frio... Mas agora mesmo o sol estará mais quentinho... Enquanto isso, vou procurar alguma coisa para comer. Aqui por perto deve haver alguma árvore de frutas...

....

CLOVIS (Moço — Jovial) — Papai... quando é que o senhor vai comprar um automóvel?... Não vamos andar tôda a vida neste carro velho...

TEÓFILO (Homem de meia idade — bom) — Ora, Clovis... acho que não há automóvel nenhum melhor do que esta velha carruagem... Isto tem agüentado uma porção de anos, meu filho...

CLOVIS — Estou brincando, papai. Sei que o senhor adora êste carro... mas precisamos seguir o exemplo das outras fazendas. E um automóvel não custa tão caro...

TEÓFILO (Sorriso) — Hum... sei o que você deseja, malandro. Quer se sentar na direção e ir passar na porta das moças da cidade... Ainda é muito cedo para isto, Clovis. Você está apenas estudando...

CLOVIS — E', mas na minha idade, o senhor já tinha namorado a mamãe, casado com ela...

TEÓFILO (Evocativo) — ... estávamos nos preparando para a sua chegada...

CLOVIS — Então?... isso quer dizer que o filho deve seguir o exemplo do pai.

TEÓFILO — E', mas antigamente as coisas eram diferentes. No meu tempo, um moço de 17 anos já era homem feito. Já casava, tomava responsabilidade... e até assinava documento.

CLOVIS (Admira-se) — Oh papai... não faz tanto tempo assim! O senhor fala como se tivesse oitenta anos... (Num sorriso) e está muito novo ainda...

TEÓFILO — Só a aparência, meu filho... porque no espírito...

CLOVIS (Pausinha) — Vê que êle viu algo — Que é papai?

TEÓFILO (Viu a menina) — Veja... ali perto daquela árvore.

CLOVIS — Oh!... Quem será?

TEÓFILO — Parece que está dormindo. (Surprêsa) — E' uma menina!

CLOVIS — E'!

....

CLOVIS — Fique aqui, papai... eu vou ver quem é.

TEÓFILO — Não. Eu também vou. Opa!

....

CLOVIS (Pausa — Observou) — Está dormindo, papai.

TEÓFILO — E'... Engraçadinha, hein?

SINTONISANDO

MILTON SALLES

«RÁDIO-BAILE» — Cruzeiro do Sul — Dia 3 de janeiro de 1953 — 23,00 — Waldeck Magalhães é, fora de dúvida, um radioator de apreciáveis qualidades, capaz de interpretar a contento determinada espécie de papéis. Entretanto, como comandante de programas dançantes, êle não consegue satisfazer. Mostrando uma alegria forçada, parecendo de encomenda, gritando sem jeito, repetindo (coisa grave num programa do gênero) de quinze em quinze minutos os mesmos nomes de aniversariantes, batizandos, noivos, etc., êle, ao invés de alegrar o ouvinte, faz justamente o contrário: chateia-o, forçando-o a girar o dial em busca de outra emissora. Se Waldeck Magalhães, com aquela vontade férrea que possui, quiser tornar-se um animador de radiobailes de méritos, capaz de agradar a qualquer classe de ouvinte, terá que fazer uma autocritica para eliminar os erros e falhas gritantes evidenciados em suas últimas atuações ao microfone da PRD-2. Cotação: **sofrível.**

JÔGO BANGU X FLUMINENSE — Rádio Clube do Brasil — Dia 4 de janeiro de 1953 — 17,05 h. — Raul Longras vem cumprindo uma tarefa bastante elogiável na «pioneira do ar». Sem cobrar coisa alguma e gastando perdulàriamente a preciosa saliva, êle, todos os domingos, chova ou faça sol, dá, ao microfone A-3, maravilhosas aulas de como não se deve irradiar uma partida de futebol. Porque — francamente — o que o enxundioso locutor faz, qualquer «pé rapado» sem experiência microfônica poderia executar com a mesma facilidade. E' pena que êle prossiga trilhando por essa estrada, pois, se quisesse, qualidades possui de sobra para transmitir os encontros futebolísticos com uma linguagem atraente, limpa, gostosa de ouvir-se e recomendável. Assim, aproveitamos a oportunidade para mandar um lembrete ao sr. Marques Rebelo, que deu mostras de querer sanear o Rádio Clube: chame o Longras às falas e mostre-lhe o bom caminho. Garantimos que lucrarão emissora e locutor. Cotação: **má**.

«AVENTURAS DO CAPITÃO ATLAS» — Rádio Tamoio — Dia 9 de janeiro — 19 h. — Eis um programa de aventuras para a juventude que, de certo modo, atinge o seu objetivo. Sem ir ao ponto de mostrar com demasiado realismo as cenas de banditismo, mantendo-se num louvável meio têrmo, êle

(Cont. na pág. 34)

Rádio Social

OLHA A "BOMBA"

Está para estourar — e Tia Laura infelizmente nada pode adiantar a respeito — uma verdadeira "bomba" sôbre a vida sentimental de uma das mais populares figuras do rádio carioca. O caso prende-se à separação de um casal que todos julgavam ser feliz.

PRESENTE DA CEGONHA

Antes de entrarmos no segundo semestre do corrente ano, a cegonha deverá visitar o "home sweet home" da rádio-atriz Regina Helena. A fim de que a ave pernalta tenha excelente recepção, ela está tomando tôdas as providências.

FISGARAM O CARLOS?!

A verdade é que o meu informante não quis entrar em detalhes. Mas, como a notícia tem o seu interêsse para os fãs de Carlos Augusto, uma das grandes revelações surgidas no ano recém-findo, aqui vai ela: uma artista da Rádio Nacional teria fisgado o jovem seresteiro e êle deixou-se levar. Vou apurar essa história direitinho e depois contarei tudinho pra vocês, está bem?

CASOU-SE CHOCOLATE

Chocolate, aquêle escurinho que vem se apresentando com sucesso em diversos programas da Nacional, acaba de contrair núpcias. Por motivos que não sei explicar, o popular humorista não queria que déssemos a notícia do seu casamento. Mas, Tia Laura, que é amiga cem por cento dos leitores de A CENA MUDA, não poderia ocultar êsse fato, não é mesmo?

AGUA PURA
SAÚDE SEGURA
VELAS
SENUN
VELA ESTERILISANTE SENUN
ESTERILISANTE
FABRICADAS
PELO PROCESSO SENUN

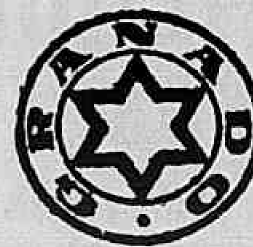
A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON
Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.
BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....
NOME ....
RUA .... Nº ......
IDADE ESTADO ....
Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

Não chore!

POLVILHO ANTISSÉPTICO


acaba com as Brotoejas


Sintonizando...

(Cont. da pág. 33)

consegue prender a atenção da juventude e captar a simpatia de muitos barbados. O «script» de Aldo Madureira, bem dosado, é de boa qualidade, como quase tudo que sai da «typewriter» dêsse produtor. Paulo Raimundo, na pele do Capitão Atlas, mostrou que também possui acentuados pendores para o teatro-cego. Sua voz está bem de acôrdo com o tipo do herói inventado pelo Péricles do Amaral. Paulo Célio, no índio Chico, também estêve firme. Hamilton Pacheco (Quati) desempenhou-se a contento de sua parte. Os demais coadjuvantes, apesar dêsse capítulo ser um dos mais movimentados da série, desobrigaram-se satisfatòriamente da missão que lhes foi confiada. Rui Viotti funcionou muito bem na narração, dando um quinau em alguns narradores que se intitulam mestres no assunto. Cotação: **boa**.

«BALANÇA MAS NÃO CAI» — Rádio Nacional — Dia 9 de janeiro de 1953 — 20 h, 30 m. -- Mais dia menos dia, com essa audição baixando de nível, como está, a Rádio Nacional perderá um dos mais famosos horários do «broadcasting» brasileiro. De fato, o programa já não é aquêle que nos faz rir sem muito esfôrço, graças às suas piadas felizes e maliciosas sem serem indecentes. Agora acontece justamente o contrário: ou a anedota é fraca e, portanto, não arranca uma gargalhada do ouvinte, ou é indigna de ser ouvida numa casa de família e não faz rir de raiva. Essa última audição que ouvimos pode ser enquadrada dentro do primeiro exemplo, em que pese o desesperado esfôrço dos intérpretes para salvá-la. Germano, Brandão Filho (grande cômico êste homem!), Paulo Gracindo, Floriano Faissal, Ema D'Ávila e uns poucos conseguiram agradar, mais pelo empenho com que se empregaram do que pela graça do programa. Cotação: **sofrível**.



Homens verdadeiros...

(Cont. da pág. 12)

tra dois meninos índios, um dêles, o próprio filho de Acoma.

O Capitão Hunt o toma como refém, esperando, dêsse modo, poder discutir têrmos de um armistício com o cacique.

A situação é desesperada e Hunt sente que não pode lutar por muito tempo, mas continua firme sem pensar em rendição.

Chia, o filho de Acoma, conhece a existência de uma caverna, onde há uma nascente. Apiedado, leva Cherry a matar a sêde, revelando, assim, a existência de um arsenal de armas, no fundo da caverna. Cherry conta a Hunt a descoberta que fizera. Encontra Hunt mortalmente ferido. Êste pede que ela e Chia desçam pela encosta para o vale, sabendo que Acoma pouparia a vida da jovem.

Acoma e seus índios, finalmente, chegam ao cimo da montanha. Hunt, mesmo ferido, intima o cacique a render-se. Acoma o enfrenta, o Hunt dispara, matando-o. O arsenal voa pelos ares numa formidável explosão...

De longe, Cherry vê a cena desoladora... São os únicos sobreviventes daquele punhado de pequenos heróis...

O fã pergunta...

(Cont. da pág. 20)

R — A notícia correu depois que o ator italiano estêve no Brasil com sua companhia teatral. Logo em seguida sorriu-lhe o «el-dorado» de Hollywood e, assim, se houve o contrato, o mesmo foi posto necessàriamente para trás.

BENEDITO BASTOS (Belo Horizonte) — «... porque os produtores nacionais não se voltam para a literatura brasileira em vez de encomendarem argumentos especiais para o cinema ?»

R — Os produtores nacionais sabem que existe literatura brasileira ? Agora êles se lembraram de «Floradas na Serra» da romancista Dinah Silveira de Queiroz, filme que contará com a presença de Cacilda Becker.

ELMO DE SOUZA — (Santos) — «... qual o papel de Vivien Leigh no filme franco-italiano «As Três Virtudes Teologais ?»

R — Ainda não está assentado. Vivien trabalhará nesse filme em condições excepcionais, como sejam as de escolher o assunto do episódio a seu cargo, como também o diretor.

A. MEDEIROS (Mossoró, R. G. N.) — «... qual o endereço de Ruth Roman ?»

R — Warner Brothers. 4.000 W. Olive Av., Burbank, Hollywood, California.

"O CANGACEIRO"...

(Cont. da pág. 5)

O SOM E A MONTAGEM

A montagem de «O Cangaceiro» está sendo realizada por Lima Barreto e assistentes José Baldacconi e Lúcio Braun. Osvald Hafenrichter, conhecido universalmente pelos seus trabalhos em diversos filmes de repercussão internacional, fará a edição de «O Cangaceiro».

Erik Rasmussen, outro nome de projeção mundial, e Ernest Hack são os engenheiros responsáveis pelo som. Boris Silitschanu teve a seu cargo a gravação, J. Ruch Filho desempenhou as funções de operador e Waldir Simões a de microfonista.

ELOGIO A EQUIPE

Terminada a filmagem de «O Cangaceiro» nos primeiros dias de novembro, Lima Barreto fêz uma citação elogiosa a tôda a sua equipe acentuando que seus companheiros e auxiliares de filmagem tinham tornado possível a realização de um filme de que todos poderiam se orgulhar.

Rosita Gonzalez é...

(Cont. da pág. 23)

do maestro Alexandre Gnatalli, cuja colaboração muito agradecemos.

O ambiente está mais calmo. Alguns visitantes já se foram. Rosita, alisando graciosamente a faixa que ganhou no sensacional pleito, pode, então, dispensar maior atenção à reportagem.

— Quais são as novidades, Rosita?

— Quase nenhuma, pois, como você sabe, não sou cantora carnavalesca, não participo dessa tremenda agitação que precede os folguedos momescos. Mas parece que tenho uma para depois do reinado de Momo.

— Qual é?

— Gravarei, em castelhano, «Por que volvi?», versão de «Por que voltei?», beguin de Haroldo Eiras e Vítor Berbara, essa mesma dupla que me ajudou a conquistar êste título envaidecedor.

Haroldo e Vítor se entreolham, e, depois, com um leve balançar de cabeça, como que agradecem a gentileza da linda estrelinha mayrinquiana.

Rosita, então, para encerrar a entrevista, afirma:

— Essa gravação também terá a participação de uma grande orquestra e espero, com ela, repetir o sucesso de «Noite após noite».

BECO DO CRIME...

(Cont. da pág. 14)

que o negro a leve para bordo, pois êle, depois de ter sido surpreendido com as meias, corre perigo de que voltem a revistá-lo. Johnny, que ignora todo o sucedido, aceita sem relutar.

Pamela (Joan Dowling), a irmã de Maisie, que escutou a conversa, tem uma discussão com ela porque quer uma parte do dinheiro. A briga termina na rua, sendo ambas detidas pela polícia, que fica sabendo que os diamantes estão em poder de Dan. Depois de interrogadas, as duas jovens ficam em liberdade e quando Dan volta para ver Maisie toma conhecimento do acontecido. O marinheiro vai então à casa de Sally para pedir-lhe que o oculte, mas ela lhe suplica que se entregue à polícia e confesse tôda a verdade. Uma vez que êle pague seu delito poderão casar-se. Dan corre para o barco a procura de Johnny, mas como êste ainda não tinha chegado, salta novamente à terra para continuar a busca. Numa obscura rua, os autores do roubo surpreendem Dan e o levam num auto. Dois policiais, que tinham visto os criminosos, dão aviso à Scotland Yard e outro automóvel sai em perseguição dos malfeitores. Num descuido de seus raptores, Dan os desarma e, enquanto o carro corre pelas desertas ruas de Londres, trava feroz luta com êles. O automóvel capota e Dan aproveita para fugir, não sem antes ter sido ferido num braço por seus inimigos. O fugitivo se esconde num barco à vela que zarpa pouco depois.

Enquanto isso, Johnny e Pat, que tinham passado o domingo juntos, se despedem e o negro vai a uma taverna para esquecer sua decepção por êste mundo no qual ainda existem preconceitos raciais. Ali encontra um desconhecido que, depois de tê-lo feito embriagar-se, foge com seu dinheiro. Johnny acaba dormindo numas ruinas e quando desperta, corre em direção do pôrto, pois seu navio está a ponto de zarpar.

Dan aproveita um momento no qual a embarcação aonde se encontra escondido se aproxima de terra para saltar para o pôrto e se dirige correndo até o barco tentando cortar o passo de Johnny, que leva a dianteira, o alcança finalmente e recupera a caixinha. Conseguido seu objetivo, Dan se entrega à polícia.

Nas oficinas da Companhia, Sally ouve comentar a notícia que Dan tinha se apresentado às autoridades e seu rosto se ilumina de alegria. Ela saberá esperá-lo.

IMPÉRIO DOS...

(Cont. da pág. 9)

dito» fazendo o advogado corrupto está sendo considerado nos Estados Unidos um ator da envergadura de um Paul Muni.

A idéia de usar **cortinas** (processo re ligar uma seqüência com a outra) em vez de **fusões**, tem um bom efeito no início (sobretudo as de baixo para cima quando o elevador sobe e a sua porta se abre). Entretanto, dado o seu uso irrestrito, ela chega até a deter externamente o ritmo interno e literário do filme.

DISSE-ME-DISSE

(Cont. da pág 19)

A mesma coisa está acontecendo no concurso que elegerá os "Melhores das Associadas". Diversos cartazes estão comprando os drops que trazem os cupões de votação, em grande quantidade, para eleger-se a si mesmos. Se assim não fôsse, o desconhecido Álvaro Francisco (locutor) não estaria bem colocado...

★

PONTOS DE VISTA

— "O nível de "Calouros pela T. V.", varia muitíssimo e pensamos que poderia haver uma seleção mais rigorosa para apresentação dos candidatos, levando-se em conta que o ouvinte de televisão é em geral mais exigente que o de rádio". — **Cláudio Mendes.**

★

DAQUI, DALI, DACOLA...

★

Em substituição às «Aventuras de Jaguar», a Rádio Tamoio lançará brevemente um novo programa rádio-teatral focalizando as façanhas de um «cow-boy». O papel título do novo seriado deverá ser desempenhado por Hélio Ribeiro.

★

Luiz Vassalo, num dos últimos dias de dezembro, foi vítima de um desastre de automóvel. Felizmente, êle recebeu apenas pequenos ferimentos.

★

Duas novas candidatas — Hilma Alves, da Rádio Espírito Santo, e Regina Maria, da Rádio Industrial de Juiz de Fora — inscreveram-se no concurso da «Rainha do Rádio».

Uma combinação...

(Cont. da pág. 19)

Howard Keel e Ann Miller no Tecnicolor musical da M-G-M «O Amor Nasceu em Paris» são tão amorosos em casa como no salão de ensaios. São compatíveis em tudo.

Sua casa, romànticamente situada no tôpo de uma colina de Hollywood, é o ninho do feliz casal.

Marge adora novas roupas, embora Gower seja mais conservador.

Ambos adoram gatos e repartem afeições com cinco — um siamês, dois persas, um cruzado de persa e siamês e outro, um gato comum.

Enfim, Marge e Gower Champion descobriram aquilo que para êles é a vida perfeita.

E a conclusão lógica?

Todo casal de dançarinos devia casar-se.

TRABALHOS GRÁFICOS
LIVROS E FOLHETOS
Tratar na Companhia Editôra Americana, rua Visconde de Maranguape n.° 15 — Rio. Telefone 22-8647.

ALBUM DE

a Cena Muda

PARA 1952



★ ★

COMPREM A GRANDE EDIÇÃO DO ÁLBUM DE A CENA PARA 1952

E' mais um maravilhoso presente aos fãs do Cinema, do Teatro, do Rádio e da Música. Fotografias dos artistas em tamanho grande com biografias completas. E muitas páginas coloridas, embelezam extraordinàriamente esta edição do «Álbum». Páginas de texto com história, notas e informações preciosas. À venda em todos os vendedores de revistas do Brasil, nas Capitais dos Estados e nas cidades do interior.

COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA ★ RUA MARANGUAPE, 15 ★ RIO

★ ★

O "Livro Maravilhoso" dos **MIL** *assuntos*

JÁ SAIU!

O MAIS BELO
O MAIS ÚTIL
O MAIS COMPLETO
ALMANAQUE
BRASILEIRO!

20 CONTOS

NARRATIVAS
HISTÓRICAS

MARAVILHOSAS
HISTÓRIAS INFANTIS

PÁGINAS EM POLICROMIA

1 COMÉDIA PARA
REPRESENTAR

Um romance completo:

"QUO VADIS" De H SIENKIEWICZ
Maravilhosamente ilustrado a côres, por Fortunio Matania

CHARADAS, ADVINHAÇÕES, ETC.

PREÇO CR$ 25,00

O ANO → CRISTÃO — CATÓLICO
CIVIL — ISRAELITA —
PERPÉTUO — PERPÉTUO
DAS FESTAS MÓVEIS

CALENDÁRIOS → CATÓLICO — EVANGÉLICO — CIENTÍFICO — AERONÁUTICO — ARTÍSTICO — ASTROLÓGICO — AGRÍCOLA

INFORMAÇÕES GERAIS PARA 1953 → TÁBOA PLANETÁRIA — FASES DA LUA — CONCORDÂNCIAS DAS PRINCIPAIS ERAS — COMEÇO DAS ESTAÇÕES — FESTAS RELIGIOSAS MÓVEIS — ECLIPSES DE 1953 — FESTAS RELIGIOSAS FIXAS — DATAS COMEMORADAS PELAS IGREJAS EVANGÉLICAS — LIÇÕES PARA AS ESCOLAS DOMINICAIS — OS MORTOS DO ANO — OS CAMPEÕES DO ANO — OS CENTENÁRIOS DO ANO

Almanaque **1953**

NAS BANCAS DE JORNAIS, EM TODO O BRASIL

EU SEI TUDO

PEDIDOS A CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA MARANGUAPE, 15 — LAPA — RIO